



Che Guevara

Edição 239 – 08/10/2007

Editorial

Há 40 anos, foi executado Ernesto Che Guevara. Passadas quatro décadas de sua prisão e execução, permanece vivo o símbolo de alguém capaz de dar sua vida pela causa que defendia.

Admirado por muitos e detestado por outros, ele é o tema de capa da *IHU On-Line* desta semana.

Tirso Saenz, cubano, que foi vice-ministro de Che Guevara, recorda, no seu depoimento, detalhes do “convívio intenso” com o então ministro da Indústria de Cuba. Um outro depoimento narra o que se passou na selva boliviana há 40 anos. O médico e jornalista boliviano Reginaldo Ustariz Arze, que tocou e fotografou o corpo morto de Che Guevara, recorda como foram aqueles dias de outubro de 1967.

Quarenta anos depois, Che ainda inspira a muitos/as militantes no mundo inteiro, como João Pedro Stédile, da direção nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST. Segundo ele, Che “trocou os sofás, o ar condicionado e um bando de puxa-sacos que teria como ministro em Havana, além da fama, para voltar a subir as montanhas e colocar sua vida em risco. Ele pagou com a própria vida a coerência com um ideal”. A dedicação à causa, a coerência de vida e a sua luta por um socialismo baseado em critérios políticos e éticos, portanto em ruptura com muitos esquemas dogmáticos então hegemônicos numa boa parte da esquerda internacional e latino-americana, é o que Peter McLaren, professor da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, igualmente, destaca. Por sua vez, a publicitária Luciana Matos analisa a absorção da imagem de Che Guevara pela sociedade de consumo “que ele morreu tentando combater”.

Os depoimentos e entrevistas sobre Ernesto Che Guevara devem ser lidos no contexto do que as *Notícias do Dia* da página eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos - IHU têm publicado. Refletir sobre Ernesto Che Guevara ainda suscita, depois de quarenta anos, muitas reações que vão desde um certo culto idolátrico a uma execração repugnante como fez, na semana passada, a matéria de capa de uma revista brasileira semanal.

Guy Debord e o seu livro *A sociedade do espetáculo* será o tema da exposição de Leda Maria Paulani, professora de economia da USP e presidente da Sociedade Brasileira de Economia Política. Nesta edição, ela reflete sobre a atual conjuntura econômica brasileira. E preparando o *Simpósio Internacional Uma sociedade pós-humana? As possibilidades e os limites das nanotecnologias*, a ser realizado de 26 a 29 de maio de 2008, a Profa. Dra. Solange Binotto Fagan, da UNIFRA de Santa Maria, aponta as novas fronteiras abertas pela revolução tecnológica em curso.

Invenção é a nova seção semanal que iniciamos nesta edição. Dedicada à poesia, ela é inaugurada pela poeta cearense Virna Teixeira.

Informamos que a revista *IHU On-Line*, excepcionalmente, não circulará na próxima semana. Ela voltará a circular normalmente no dia 22 de outubro. Agradecemos a compreensão.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 05 | Tirso Saenz: Che, ministro. Um depoimento

PÁGINA 08 | Reginaldo Ustariz Arze: O impacto do cadáver de Che Guevara. Um depoimento

PÁGINA 14 | João Pedro Stédile: Che Guevara pagou com a própria vida a coerência com um ideal

PÁGINA 17 | Peter McLaren: Por um socialismo baseado em critérios políticos e éticos

PÁGINA 23 | Luciana Ferreira de Matos: “Che foi absorvido pela sociedade de consumo que ele morreu tentando combater”

B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 26 | Sandro de Souza Ferreira: Agamben e a vida nua: produto final da máquina antropológica

» Invenção

PÁGINA 32 Poemas de Virna Teixeira

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 34 Destaques On-Line

PÁGINA 36 Frases da Semana

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 39 | Agenda da Semana

PÁGINA 40 | Ângela Kretschmann: O Direito regulamentará as nanotecnologias?

PÁGINA 44 | Leda Paulani: Lula. “Um governo muito amigo do capital produtivo e financeiro”

PÁGINA 48 | Solange Binotto Fagan: O impacto da evolução científica para a sociedade

PÁGINA 50 | Daniel Gevehr: Jacobina: eternizada pela população de Sapiranga, no Vale dos Sinos

» PERFIL POPULAR

PÁGINA 54 | Antoninha Della-Méa Lima

PÁGINA 57 | Sala de Leitura

» IHU REPORTER

PÁGINA 58 | Márcia Víto



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Che Guevara – traços biográficos



Em 1928, na cidade de Rosário, na Argentina, nasceu Ernesto Che Guevara, filho do casal Celia e Ernesto Guevara. Aos doze anos de idade, em 1940, devido as fortes crises de asma, Che e a família mudaram-se para Córdoba, região

central da Argentina. Com 19 anos, em 1947, Che ingressa na Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires.

As viagens de Che pela América Latina iniciaram em 1952, com o amigo Alberto Granado. Ambos percorreram 10.000 Km em uma moto. Nos oito meses de jornada, Che iniciou um diário, hábito que manteve até sua morte, no qual registrou as injustiças sociais que perceberá durante a vida. No ano seguinte, Che viajou pela Bolívia e seguiu para a Guatemala, onde conheceu sua primeira esposa, a peruana Hilda Gabea, que o apresentou, no ano seguinte, a Raúl Castro, no México.

Sua luta na Revolução iniciou em 1954, quando juntou-se aos irmãos Raúl e Fidel Castro, que organizavam movimentos guerrilheiros para derrubar o ditador cubano Fulgêncio Batista. Foi na ocasião que Guevara recebeu o apelido de “Che”. Assim, em 1959, Ernesto Guevara tornou-se cidadão cubano e assumiu a direção do Banco Central. Enquanto ministro de Cuba, Che introduziu o conceito de trabalho solidário, incentivando o povo cubano a se envolver na campanha de alfabetização. Assim, livrar o povo do analfabetismo seria uma conquista de toda a população.

Ainda neste ano, separou-se de Hilda Gabea e casou-se com Aleida March, com quem teve quatro filhos.

Nos anos 1960, a Revolução Cubana representou ameaça ao controle de Washington sob os países americanos. Em resposta às nacionalizações promovidas por Fidel, os Estados Unidos reduziram as importações do açúcar cubano, que foi comprado pela URSS. A declaração do caráter socialista da Revolução Cubana ocorreu em 1960, após a invasão da Baía dos Porcos, financiada por Washington, mas que não durou mais de 72 horas.

Em 1962, o mundo ficou à beira de uma guerra nuclear, com a instalação de mísseis nucleares, pela URSS, em Cuba. A crise só terminou quando os soviéticos removeram seus mísseis, e os Estados Unidos, suas ogivas da Turquia.

Decepcionado com os soviéticos, que relutavam em apoiar focos guerrilheiros na área de influência dos Estados Unidos, Che Guevara, em 1964, decide exportar a revolução para a Argentina, mas não obteve sucesso. Assim, partiu para o Congo em 1965, juntando-se à guerrilha iniciada por Laurent Kabila. Decepcionado com os colegas africanos, retornou a Havana, renunciando à cidadania cubana.

No ano seguinte, retornou a Bolívia com o intuito de lançar um movimento revolucionário no país. Um ano depois, foi cercado pelo Exército boliviano em Vallegrande. Em 8 de outubro, foi capturado e executado no dia seguinte. Com Che, morreu a tentativa a “criar dois, três Vietnãs”. Apenas em 1997, os restos mortais de Che foram encontrados em Vallegrande. Ele foi sepultado em Santa Clara, Cuba.

Che, ministro. Um depoimento

ENTREVISTA COM TIRSO SAENZ

Autor do livro O Ministro Che Guevara: testemunho de um colaborador (Rio de Janeiro: Garamond, 2004), o cubano Tirso Saenz fala de Che Guevara como alguém que dividiu com ele o ambiente de trabalho por cinco anos. “Um convívio intenso”, que o faz sentir por Che “um amor de pai, de grande amigo”, como ele descreve na entrevista exclusiva que concedeu à IHU On-Line por telefone, na última semana.

Ernesto Che Guevara, entre outros cargos, foi, entre 1961 e 1965, Ministro da Indústria, em Cuba. Tirso Sáenz, foi designado, em 1962, vice-ministro para a Indústria e, em seguida, vice-ministro para o Desenvolvimento Técnico. Foi aí que teve a oportunidade de conhecer melhor o Che que viraria mito e que é tema de capa da edição desta semana da IHU On-Line.

Tirso Sáenz nasceu em Havana, Cuba, em 12 de outubro de 1931. Bacharel em Engenharia Química pelo Rensselaer Polytechnic Institute, Troy, New York, EUA, é também doutor em Ciências pelo Ministério de Educação Superior de Cuba. Foi professor titular adjunto no Instituto Superior Politécnico “José A. Echeverría” de Havana. Criou o Centro de Estudos de História e Organização da Ciência em 1976. Ainda na década de 1970, foi presidente da Comissão para o Uso Pacífico de Energia Atômica. Presidiu a Comissão Nacional para a Proteção do Meio Ambiente e Recursos Naturais entre 1980 e 1985. Trabalhou no Brasil como professor visitante da Unicamp em 1996 e, de 1997 a 1998, como especialista visitante no Instituto de Ciência e Tecnologia do Governo do Distrito Federal. Atualmente, é especialista do Programa Brasileiro de Ecologia Molecular no Ministério do Meio Ambiente. Além de ter publicado, ou editado, mais de dez livros, foi membro da extinta Academia de Ciências Agrícolas da República Democrática Alemã. Atua como membro da Academia de Ciências de Nova Iorque.

IHU On-Line - Como o senhor definiria o Che ministro, incentivador da industrialização de Cuba?

Tirso Saenz - Considero que foi um grande ministro, com uma altíssima visão estratégica. Traçou linhas de ação mesmo com as poucas informações e os raros recursos disponíveis. Tudo em circunstâncias muito difíceis: bloqueio e falta de pessoal qualificado, inclusive

de operários e técnicos. 75% dos engenheiros deixaram o país. Ainda assim, com o pessoal técnico inexperiente começou um processo de industrialização. Criou-se uma indústria que era praticamente inexistente. Como resultado desta política, temos também o número de indústrias que foram criadas se e ajudaram na renda e no



emprego. Como exemplo pessoal, posso dizer que Che era o primeiro a chegar no ministério e o último a sair, com uma alta sensibilidade humana, de justiça. E foi, para mim, historicamente, o melhor ministro que Cuba teve.

IHU On-Line - O que permanece ainda hoje, em Cuba, da industrialização conduzida por Che Guevara?

Tirso Saenz - Isso aconteceu há 47 anos. Instituíram-se bases para a criação de uma indústria sob as condições daquele momento. A única ajuda técnica e tecnológica que nós recebíamos era do campo socialista, que era atrasado nesse sentido. Ainda assim, se aproveitou muito essa possibilidade. Hoje não temos mais essa tecnologia socialista. A indústria biofarmacêutica é 100% cubana e uma indústria de nível internacional. Hoje, o nível cultural e técnico de Cuba é infinitamente superior ao que existia nos anos 1960. O que podemos dizer é que esse processo inicial deu base ao processo de industrialização atual.

IHU On-Line - Como era a relação entre Fidel Castro e Che Guevara na conduta do poder cubano, seja na revolução, seja depois, quando os revolucionários assumiram o poder?

Tirso Saenz - Eu fui testemunha de que as relações entre eles eram muito fraternais. Lembro que Fidel depositava uma grandíssima confiança em Che. Não lembro que Fidel tenha interferido nas decisões que Che tomava no ministério da indústria, mas Che o consultava quando era necessário. Sempre foi uma relação de muito respeito e carinho entre eles. Che saiu de Cuba não por uma briga com Fidel, mas por um compromisso histórico que ele tinha com a guerrilha. Praticamente toda a América Latina passava pela ditadura militar: Argentina, Brasil, Colômbia, Venezuela. Che, em Cuba, fomentou muito o envio de guerrilheiros para toda a parte. Ele não iria ficar em Cuba, tranqüilo, como ministro, sabendo

que amigos e companheiros enviados por ele a lutar na guerrilha estavam lutando e ele estando tranqüilo como ministro. Mas posso assegurar que Che e Fidel não brigaram, porque eu compartilhava diariamente o trabalho de Che.

IHU On-Line - O senhor concorda com uma das definições que persistem sobre Che, a de que, para qualquer mudança, seria necessário pegar em armas?

Tirso Saenz - Naquele momento, era a única alternativa. O primeiro exemplo foi a Revolução Cubana¹. Essa era a idéia predominante naqueles momentos. Até se pode discutir se era certo ou não. Hoje é diferente. Por vias democráticas Chávez², Evo Morales³, Ortega⁴ tomam o poder e são governos progressistas, de esquerda. Ou seja, dialeticamente, o que foi necessário num momento não é necessário agora. Naqueles momentos, a idéia de Che, sobretudo tomando como experiência a Revolução Cubana, era a de que para derrotar a ditadura era necessário tomar as armas.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a idolatria de Che no Brasil? A imagem dele se transformou num produto de consumo?

¹ **Revolução Cubana:** foi um movimento popular que consistiu na derrubada do governo de Fulgêncio Batista. Com a Revolução foi estabelecido um novo governo, liderado por Fidel Castro, em 1959. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Hugo Chávez Frías (1954):** político e militar venezuelano. É o 53º e atual presidente da Venezuela. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Juan Evo Morales Ayma (1959):** atual presidente da Bolívia. Morales também é líder do partido Movimento para o Socialismo e do Instrumento Político pela Soberania dos Povos (IPSP). Nas eleições de 2002, ele ficou em segundo lugar. E, em dezembro de 2005, venceu com maioria absoluta, tornando-se o primeiro presidente de origem indígena. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ **José Daniel Ortega Saavedra (1945):** ex-guerrilheiro e político nicaraguense. Foi presidente de seu país entre 1985 e 1990. Regressou ao cargo em 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

Tirso Saenz - Eu não seria tão absoluto. Eu dividiria em duas partes. Tenho muitos contatos, precisamente por ter trabalhado com Che, sou convidado a dar muitas palestras, ir a reuniões, e vejo que há milhares e milhares de jovens - veja que interessante! - que usam a camiseta do Che não como um produto de consumo. Não como essas coisas nojentas que a revista *Veja*⁵ mostrou (maiôs com a foto de Che e a tatuagem que Mike Tayson fez dele). São pessoas que levam Che como uma amostra de carinho e respeito. Não acho que no Brasil a imagem de Che foi convertida em objeto de consumo. Há o respeito, o carinho e a devoção à imagem de Che em todo o mundo, não só no Brasil.

IHU On-Line - Por que o senhor acha que mesmo 40 anos depois da morte de Che Guevara ele ainda é tão idolatrado?

Tirso Saenz - O mais interessante é que isso parte do pessoal mais jovem, que não tinha nascido quando Che morreu. Porque eles respeitam esses ideais de solidariedade, essa questão de estar disposto a dar a vida por um ideal, o sentido do humanismo revolucionário. Isso impressiona muito os jovens, que o respeitam.

IHU On-Line - O que o senhor guarda de mais significativo do seu convívio com Che Guevara?

Tirso Saenz - Eu guardo várias coisas. Primeiro, o exemplo pessoal que ele dava. O sentido de discutir tudo. Ele escutava muito, gostava de discutir, de ser discutido, ou seja, ele ouvia tranquilamente um “eu não concordo com você”, e aí começaria uma discussão, porque ele gostava que suas idéias fossem analisadas. Ele era, nesse sentido, um mestre. Ele explicava as coisas de forma que se entendia tudo, se trabalhava em equipe,

⁵ Na edição 2028 - ano 40, nº 39, de 3 de outubro de 2007, a revista *Veja* publicou a reportagem *Che. A farsa do herói. Verdades inconvenientes sobre o mito do guerrilheiro altruísta, quarenta anos depois da sua morte.* (Nota da *IHU On-Line*)

com um sentido de discussão coletiva, de crítica e autocrítica. Che era exigente no trabalho, mas tinha uma elevada sensibilidade. Nunca ouvi da boca dele a famosa frase “Hay que endurecer, pero sin perder la ternura jamás”. Mas acredito que ele poderia ter dito isso sim. Por exemplo, ele gostava (e isso quem me contou foi a viúva dele) de recitar poemas para ela, em momentos de intimidade. E, antes de sair para a guerrilha, gravou com sua voz duas fitas com esses poemas. Ou seja, não perdeu a ternura nem nesse momento.

O impacto do cadáver de Che Guevara. Um depoimento

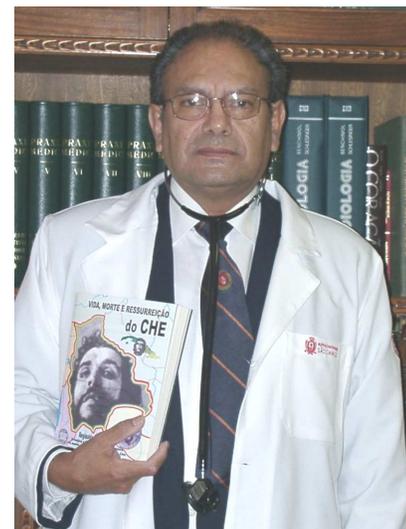
ENTREVISTA COM REGINALDO USTARIZ ARZE

Reginaldo Ustariz Arze é médico e jornalista boliviano, que atualmente vive no Brasil. Viu e fotografou o tratamento dado ao corpo de Che e diz que essa prática “violou todos os sentimentos de cristianismo e, quando não, de humanidade. Foi tratado como se fosse tralha, quinquilharia. Evidentemente, suas vestes eram similares às de um mendigo, mas não era um mendigo. Reitero: era um homem, era o Che”. Arze não esteve na linha de combate, mas nos seus bastidores, como correspondente de guerra.

Escreveu a obra Vida, morte e ressurreição de Che (São Paulo: Brasbol, 2004), resultado de quase uma centena de depoimentos prestados ao autor por testemunhas vivas da história: os chefes militares das emboscadas, os guerrilheiros sobreviventes de Ñancahuazú, residentes tanto em Cuba como na Bolívia, além de camponeses e moradores da zona de guerra. A obra inclui dois grupos de fotografias, que somam mais de 200 imagens absolutamente inéditas. Metade delas foi tirada pelo autor durante a Guerrilha do Che na Bolívia. Algumas delas, cedidas pelo autor, você confere na entrevista a seguir, concedida com exclusividade, por e-mail, à IHU On-Line.

IHU On-Line - O que lembra do momento em que viu o corpo de Che Guevara? O que sentiu?

Reginaldo Ustariz Arze - O impacto foi muito forte, minhas pernas fraquejaram e quase desmoronei. Certamente empalideci, suei, tremi, ao ver aquela figura patética na minha frente, um homem pelo qual eu tinha idolatria. Ele estava, na segunda-feira, 9 de outubro, às 17 horas, em Vallegrande, quando chegou aos pés do helicóptero, com os olhos fechados. Mas, no dia seguinte, quando cheguei à lavanderia do Hospital “Nuestro Señor de Malta”, reanimei-me, pois o vi com os olhos abertos. Seu “olhar” parecia desafiante, digno. Não era um cadáver qualquer que eu via em minha frente. Era um HOMEM.



Ecce homo: O Che manietado. (Foto de Reginaldo Ustariz Arze)

IHU On-Line - Como descreve o tratamento dado ao corpo de Che?

Reginaldo Ustariz Arze - O tratamento dado ao seu corpo violou todos os sentimentos de cristianismo, quando não de humanidade. Foi tratado como se fosse tralha, quinquilharia. Evidentemente, suas vestes eram similares às de um mendigo, mas não era um mendigo.



O Che sendo puxado para despi-lo (Foto de Reginaldo Ustariz Arze)

Reitero: era um HOMEM, era o CHE. Tenho várias fotografias onde se vê o despreço e o desrespeito a um cadáver, tudo realizado não somente pelos soldados bolivianos, alguns tirando-o dos cabelos, outros rindo na frente dele, puxando com violência sua roupa para lhe tirar as impressões digitais e formolizá-lo, algo inacreditável, o agente da CIA⁶, Eduardo Gonzáles, lhe dando um pontapé. Descobri a identidade dele somente depois de quase 20 anos, quando li um livro dos escritores cubanos Addys Cupull e Froylan Gonzales, no qual citavam que o mencionado senhor vangloriava-se, contava orgulhoso que tinha lhe dado um “valente e corajoso pontapé”.



⁶ **Central Intelligence Agency**: em português, Agência Central de Inteligência ou Central de Informações. É um serviço de informações dos Estados Unidos, que tem como objetivo correlacionar e avaliar as informações relativas à segurança nacional americana. (Nota da *IHU On-Line*)

Flagrante do “valente e corajoso pontapé” dado pelo agente da CIA, Eduardo Gonzáles, às 18 horas da segunda-feira, 9 de outubro, na lavanderia do Hospital “Nuestro Señor de Malta” (Foto de Reginaldo Ustariz Arze)

IHU On-Line - Quais são os fatos concretos, do ponto de vista jornalístico, mais importantes na vida e na morte de Che Guevara?

Reginaldo Ustariz Arze - Che, Fidel, Raúl e Camilo Cien Fuegos⁷ constituíam o que de mais importante Cuba tinha e estavam todos no poder. É claro que o comandante máximo era Fidel Castro, mas todos tinham o poder na mão. No meu livro, no capítulo intitulado “O Ser humano mais completo de nossa era” (frase de Jean-Paul Sartre⁸), achei perto de 30 profissões e/ou virtudes de Che Guevara: pedreiro, maquinista, agricultor, esportista, jornalista, escritor, diplomata, médico, cientista, fotógrafo (com isso viveu muito tempo no México), piloto de avião, enxadrista, político, guerrilheiro insuperável, estrategista excepcional e muito mais. Da morte dele, o fato mais importante foi a mentira divulgada a todo o mundo de que “Che morreu em combate no dia 8 de outubro de 1967”. Quando

⁷ **Camilo Cien Fuegos Gorriarán** (1932-1959): revolucionário cubano, que ao lado de Raúl Castro, Fidel Castro e Che Guevara, foi um dos principais líderes da Revolução. Morreu em um acidente de avião, durante um vôo de Camaguey à Havana. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸ **Jean-Paul Sartre** (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo, em seu ensaio “O existencialismo é um humanismo”, como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da *IHU On-Line*)

observei na lavanderia que o despiram com facilidade, que seus membros não estavam rígidos, ou seja, que não tinham “rigor mortis”, algo obrigatório para quem tivesse falecido 24 horas antes, cheguei à conclusão, na mesma segunda-feira, 9 de outubro, às 18 horas, de que Che não tinha sido morto em combate. Inclusive, perante esta suspeita, aproximei-me com grande dificuldade. Nessa mesma hora, coloquei a mão sobre seu cadáver e, pela segunda vez, quase desmoronei. Não estava gelado, ainda estava morno; prova inquestionável de que tinha sido morto umas quatro a cinco horas antes. Denunciei isso no dia seguinte, a todo o mundo, dizendo na frente de 40 jornalistas e fotógrafos: “Che não morreu em combate, foi assassinado, foi executado à queima-roupa”.



Reginaldo Ustariz Arze flagrado pela câmera de Freddy Alborta, com seu dedo acusador.



Reginaldo Ustariz Arze é abordado na saída da lavanderia por três jornalistas que lhe solicitam maiores informações sobre sua denúncia. Disse-lhes, entre outras coisas: “Olhem o disparo fatal situado na frente do coração. Há pólvora ao redor do orifício de bala” (Foto de Freddy Alborta).

Uma anedota: Sentia, quando saía da lavanderia, uma voz que me sussurrava, me beliscando as nádegas: “Cállate cojudo, te van a matar”. Era Julio Bejar, o diretor de *Prensa Libre*, jornal do qual era seu “Correspondente de Guerra”.

IHU On-Line - Quais são as conseqüências da sua declaração de que “Che foi executado à queima roupa”? O que aconteceu depois disso?

Reginaldo Ustariz Arze - A denúncia foi feita perto do meio-dia, na própria lavanderia onde me coloquei de ex-professo para denunciar o crime naquele círculo conspiratório, onde seria mostrado um CHE derrotado, *Corpus Delicti*. Por volta das quinze horas, acompanhei os quarenta jornalistas num avião a Cochabamba, dirigi-me junto com o Senhor Bejar à redação do jornal, onde redigi, entre outras, uma matéria intitulada “La autopsia del Che”, na qual se confirmava, com meus magros conhecimentos de medicina legal, pois sou médico, com luxo de detalhes, a execução de Che. Bejar recusou-se a publicar. Argumentei, implorei e nada. Finalmente, lhe disse: “Eu assino e assumo a responsabilidade”. Ele me respondeu: “A lei de imprensa me coloca como responsável. Se seu artigo for publicado amanhã, acontecerão duas coisas: você será morto e meu jornal fechado”. Sem me dar tempo de responder, me deu as costas. Indignado, voltei a Vallegrande no dia 12, disposto a investigar mais profundamente. Para tanto, embarquei como médico a La Higuera. Foi graças a estas credenciais, indo sem câmera fotográfica, em nenhuma hipótese como jornalista, que entrei na zona de guerra,

no dia 12, “montado num caminhão pau-de-arara”, junto com porcos e galinhas. Fiquei em La Higuera e proximidades por dez dias. Descobri muitas coisas, entre elas, que realmente Che tinha chegado vivo a Vallegrande. Retornei a Cochabamba, disposto a seguir viagem a La Paz, pensando em publicar em outro jornal menos vulnerável que *Prensa Libre*, o qual já tinha sido fechado uma vez por publicar um comunicado do E.L.N.⁹ Mas, quando cheguei em minha casa, felizmente de noite, no meio da escuridão e chuva, minha mãe, ao me ver entrar, ajoelhou-se e me disse: “Filho, fuge, o exército e a policia estão atrás de você”. Esta é a origem de como e por que moro no Brasil há 40 anos. Coloquei um esparadrapo na minha boca e obedeci a minha mãe. Aconteceu que todos esses dias minha família viu pessoas suspeitas esperando na entrada na minha casa, pois já tinham ido me procurar pessoalmente, e, felizmente, como cheguei de noite e com chuva, eles tinham ido embora.

***IHU On-Line* - O que o senhor entende pelo processo de “ressurreição” de Che?**

Reginaldo Ustariz Arze - Tome-se a palavra não no sentido teológico e sim no sentido histórico dos fatos, pois quando digo que Che ressuscitou é porque, embora a palavra pudesse estar mal empregada, ele jamais morreu. Suas idéias estão vigentes hoje em dia, tão vigentes que na Bolívia, 39 anos depois, quando Evo Morales tomou o poder, disse publicamente, dezenas de vezes, que seu ídolo é o Che, e que seu partido segue, entre outras coisas, os alinhamentos do Che. Quando tomou posse da presidência, em janeiro de 2005 (estive presente), no Congresso Nacional, ele rendeu

homenagem póstuma ao Che, na frente dos militares que 40 anos atrás o tinham assassinado.

***IHU On-Line* - Como a maneira com que Che enfrentou a morte contribui para a compreensão de sua luta, de sua causa e da herança cultural deixada por ele?**

Reginaldo Ustariz Arze - O fato de ele abandonar o poder para voltar à guerra, um asmático, procurando um fator desencadeante de suas crises (a umidade da selva), o engrandeceu demais, inclusive, paradoxalmente o brutal assassinato o tornou um mártir. Com o correr dos anos, isso também aumentou, ao se descobrir toda a vida de Che, e, principalmente ao se fazer público seu “Diário de Guerra”.



O diário de Che foi escrito numa agenda alemã. Os dois últimos dias escritos por Che (Foto de Reginaldo Ustariz Arze).

Por outro lado, a serenidade com que enfrentou seu verdugo, o suboficial Mario Teran, quando lhe disse: “Dispare. Você vai matar um HOMEM” mostra com clareza que tinha plena consciência do que fez e o que viria depois de sua morte. Ele foi sabendo que poderia morrer, como disse mais de uma vez nas suas cartas.



Legenda: A carabina do Che e seu embornal nas mãos de Reginaldo Ustariz Arze. A

⁹ Exército de Libertação Nacional da Colômbia (E.L.N.): organização guerrilheira, criado em 1965, por Fabio Vasquez Castano, inspirado pela experiência bem sucedida da Revolução Cubana. (Nota da *IHU On-Line*)

fotografia foi tirada com a própria câmera de Ustariz por um jornalista amigo, presente em Vallegrande.

Curiosamente, esta carabina impediu a morte de Che em combate, pois ao estar empunhando ajoelhado, apontando a arma, ela estava exatamente na frente do seu coração. Esta tese, levantada por mim, foi confirmada por Pombo, o Guerrilheiro sobrevivente, que mora em Cuba.

IHU On-Line - Qual é a contribuição da divulgação da foto de Che morto para a criação do mito em torno dele?

Reginaldo Ustariz Arze - O Che com os olhos abertos que bati



(Para eu bater esta foto tive que subir na lavanderia e bati a foto a 50 centímetros do seu rosto, com meus pés em ambos os lados dele e meu corpo todo para a frente)

um rosto lindo, como os artistas nos mostram Jesus, com os olhos abertos, brilhantes, tranqüilos, serenos, fez com que, desde o primeiro momento, ele fosse comparado com Jesus Cristo, talvez não só por este fato, mas também porque o povo de Vallegrande pôde compreender que morreu por uma causa justa, como morreu Jesus. Vou contar esta história: uma senhora, na manhã de terça-feira, quando foi permitido a todo o povo de Vallegrande se despedir de Che, vinha gritando e gesticulando “Onde está esse tal Che, aquele que matou os nossos soldadinhos?”. Na medida em que ia avançando, sua voz se fazia mais mansa, trêmula e começou a tartamudear: “ooonnddeee esstaaa esse

taaall... Óóhh Meu Deus ele parece Jesus Cristo”, e persignou-se.

IHU On-Line - Como foi o processo de elaboração do livro *Vida, morte e ressurreição de Che*? Teve alguma surpresa? O que mais o marcou? Que imagem o senhor tem de Che Guevara após a pesquisa para a elaboração do livro? Mudou a forma como o via antes?

Reginaldo Ustariz Arze - Esta é uma história na qual está involucrado o ego da pessoa. Não serei nem um pouco modesto. Justifico: serei “um índio verdadeiro”, fazendo um eco inverso a Chanfort, que disse: “a falsa modéstia é a mais decente de todas as mentiras”. Meu livro *Vida, morte e ressurreição do Che* é fruto de um trabalho de jornalismo investigativo que me levou quase quatro décadas, quatro viagens à Argentina e a Cuba, mais de vinte idas a Bolívia. Para quê? Para colher depoimentos e mais depoimentos, procurar documentos, provas, imagens, fotos etc. Quando concluí meu trabalho, em 2000, descobri que tinha escrito mais de 2000 páginas. Então, pensei: “Publicarei em três tomos: Tomo I, sua vida; tomo II, sua morte; e tomo III, sua ressurreição”. Procurei mais de uma dezena de editoras do Brasil, Argentina, Chile e Espanha para publicarem meu trabalho. Todas se recusaram, justificando ser longo e muito caro. Como não iria jogar no lixo tanto trabalho, resolvi criar minha própria editora. Assim, de autor, me converti também em editor. Publiquei pela primeira vez meu livro na Bolívia em 2000. Esgotou-se a primeira edição em seis meses. No Brasil, fiz o mesmo e publiquei em 2004. Não teve a divulgação e nem o êxito que eu esperava. Publiquei um segundo livro, tanto na Bolívia, quanto no Brasil, intitulado *O Combate do Churo e o assassinato do Che*. Aluguei um estande na 19ª Bial Internacional do Livro em São Paulo, no ano passado. Surtiu o efeito que eu esperava. Visitaram meu estande três editores, um da Argentina e dois da Espanha. O mais importante, sem dúvida, era o dono da Editora espanhola

Nowtilus, que me encontrou no momento exato em que um repórter da *Folha de S. Paulo* fazia uma entrevista comigo, cujo artigo ocupou meia página do dito jornal no dia seguinte. Retornou, nesse dia, o dono da citada editora e deixou-me seu cartão. Comprou todos meus livros: dois em espanhol, três em português (o terceiro foi “Evo Morales um indígena Presidente”) e foi embora. Uns meses depois, quando adoeceu Fidel Castro, me fez dois pedidos: que publicasse meu livro na sua editora e que escrevesse sobre Fidel Castro. Aceitei. Assim, no mês de novembro, será publicado pela dita editora: ***Che Guevara: Vida, muerte y resurrección de un mito***. Reescrito meu primeiro livro, renovado em 80%, com novas investigações, incluindo mais artigos confidenciais do exército boliviano que tenho em meu poder (são quase 300 documentos confidenciais). O livro tem um “Lead”, um subtítulo precioso, que diz: “Basado en testimonios y documentos confidenciales”. Embaixo, aponta em vermelho bem sobressalente: “El libro definitivo del Che”. Primeiro, será publicado somente

nos países de língua espanhola e logo traduzido a outros (já está sendo traduzido ao francês e italiano). Fará parte da série “História Incógnita”, que publica somente obras de grandes biógrafos e historiadores. Seu site é: www.historiaincognita.com.

Prosseguindo com a parte final de sua pergunta, manifesto que a imagem do Che a cada dia que passa para mim cresce mais e mais. Seu “in-crescendo” parece uma espiral ascendente ilimitada e infinita. Em efeito, eu nunca parei de pesquisar e investigar sobre Che. Tomei os últimos depoimentos no ano passado, na Bolívia, Argentina e Cuba, publicadas agora pela Editora Nowtilus. Cada vez descubro coisas mais maravilhosas sobre ele.

Che Guevara pagou com a própria vida a coerência com um ideal

ENTREVISTA COM JOAO PEDRO STEDILE

“O humanismo do Che aparece em toda sua vida e suas ações práticas. Ele sempre colocava o bem-estar e a felicidade do povo pobre em primeiro lugar. Mas identificava que essa ‘libertação’, essa melhoria das condições de vida, somente seriam possíveis como uma ação social, como uma obra coletiva”, afirma João Pedro Stédile, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Stédile é formado em Economia pela Pontifícia Universidade Católica (PUCRS), com pós-graduação na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). O gaúcho de Lagoa Vermelha é um dos fundadores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), e, atualmente, membro da sua direção nacional. É autor de diversos livros, como A questão agrária no Brasil - volumes 1, 2 e 3 (São Paulo: Expressão Popular, 2005); A questão agrária na década de 90 (Porto Alegre: Editora FAURGS, 2004); e A questão agrária hoje (Porto Alegre: Editora FAURGS, 2003). Confira a entrevista concedida por Stédile, intitulada “O Brasil está vivendo uma crise de projeto. Uma crise de destino”, publicada no site do IHU (www.unisinos.br/ihu), em 25-10-2006, realizada pela IHU On-Line.

IHU On-Line - Qual é o maior legado de Che Guevara para a cultura e a política latino-americana?

João Pedro Stédile - O maior legado de Che para a cultura latino-americana foi ele ter dado concretude, na prática, nas suas ações políticas, à defesa do velho sonho da pátria grande americana. Ou seja, ele soube interpretar que o nosso continente tinha sido dominado por uma forma específica de capitalismo que subordinava a todos e todas. E que, ao mesmo tempo, havia uma formação antropológica, sócia e cultural, que transformava o povo de cada país num imenso povo latino-americano. Além disso, compreendeu que o futuro desse povo, independente do território específico em que morava, seu destino, seu futuro, estava unido. Não é possível a libertação de um só país, de um só povo latino-americano. Nesse sentido, as idéias agora recuperadas e

colocadas em práticas pela ALBA (Aliança Bolivariana das Américas) são a concretude de seu legado.

IHU On-Line - Em que sentido Che Guevara inspira a luta do MST?

João Pedro Stédile - Para os militantes do MST, o exemplo da vida de Che Guevara nos inspira e alenta em muitos aspectos, mas, sobretudo, nos valores que ele praticou. Talvez tenha sido um dos poucos líderes populares latino-americanos que viveu intensamente e coerentemente com tudo o que pensava e defendia na teoria nas teses políticas. E essa coerência de vida nos deu como legado o seu espírito humanista, de sacrifício. Che era o primeiro no trabalho e no estudo, e o último na fila da comida e do lazer. E praticou isso, mesmo ocupando os mais altos cargos públicos,

como ministro da Revolução Cubana. Ele estimulava a necessidade do estudo, de que todos deviam, todo o tempo, procurar estudar, se aperfeiçoar. Como ele costumava dizer, “dominar os conhecimentos científicos, para resolver mais rápido os problemas sociais e assim melhorar as condições de vida do povo”.

IHU On-Line - Che Guevara gerava revoltas populares?

João Pedro Stédile - Che não gerava revoltas populares. Che teve talvez uma sorte histórica, de ter vivido seus melhores anos de vida durante um período histórico de reascenso do movimento de massas. Assim, uniu sua generosidade, sua disposição de luta, seu espírito de sacrifício, com os processos sociais que estavam em curso. Quando Che chegou na Guatemala, já havia uma revolução social em curso, sob a intervenção das forças norte-americanas. Depois, quando se envolveu com o processo revolucionário cubano, havia dezenas de anos de acúmulo de forças, do Movimento 26 de julho¹⁰, do partido socialista cubano. Da mesma forma, quando se somou no Congo e na Bolívia, também havia processos de organização popular há muito tempo. Ou seja, deu a coincidência de ele viver justamente o reascenso continental de massas, entre 1950 e 1967.

IHU On-Line - O senhor identifica na trajetória de Che um “profundo humanismo”. Poderia explicar em que sentido o humanismo se manifestava em Che? Existia algo nele que lembrasse os valores cristãos? E como explicar esse “humanismo” em alguém capaz de acabar com a vida de tantas pessoas?

João Pedro Stédile - O humanismo do Che aparece em toda sua vida e suas ações práticas. Ele sempre colocava o bem-estar e a felicidade do povo pobre, em primeiro

¹⁰ **Movimento 26 de julho:** foi o movimento revolucionário cubano, fundado em 1954, por Fidel Castro e seus companheiros, contra o ditador Fulgêncio Batista. (Nota da *IHU On-Line*)

lugar. Mas identificava que essa “libertação”, essa melhoria das condições de vida, somente seriam possíveis como uma ação social, como uma obra coletiva. E procurava dar exemplo de que a solução não seria por suas decisões pessoais, mas somente pela ação coletiva do povo. Foi assim, que como ministro, introduziu o conceito de trabalho solidário, do povo cubano, para que todos se envolvessem na campanha de alfabetização. Ou seja, livrar o povo do analfabetismo não seria obra de alguns abnegados professores, mas a obra de todo o povo. Depois, utilizou isso na construção de moradias populares, no corte de cana da super-safrá, na limpeza da cidade, na construção de escolas etc.

E, evidentemente, colocar as pessoas no centro de todo objetivo da ação política é base também dos princípios cristãos. Não sei qual foi a formação religiosa do Che. Mas certamente foi uma pessoa que viveu intensamente a doutrina cristã, na prática. Aliás, certa vez ouvi uma homilia de Dom Mendez Arceo¹¹, em Cuernavaca, México, e ele disse, se referindo à Revolução Cubana, que talvez o povo cubano fosse o povo que mais praticava o cristianismo nas Américas, ainda que não soubessem.

IHU On-Line - O que motivava a luta de Che? Qual era o “combustível” que o movia?

João Pedro Stédile - Era o ideal de vida, de sempre estar a serviço dos mais pobres, dos oprimidos, dos explorados. Nisso, pode-se ver, retratado esplendidamente no filme *Diários de motocicleta*, em que Walter Salles¹² procurou ser extramente fiel com a

¹¹ **Dom Sergio Méndez Arceo:** Foi bispo de Cuernavaca, México. (Nota da *IHU On-Line*)

¹² **Walter Moreira Salles Jr.** (1956): cineasta brasileiro, filho do embaixador Walther Moreira Salles, da família que detém o controle do grupo Unibanco, adquiriu projeção internacional, especialmente após os seus filmes que foram nomeados para o Oscar. Seu primeiro filme relevante, *Terra estrangeira*, foi rodado em 1995 e premiado como melhor filme do ano no Brasil. A edição 237 da *IHU On-Line*, de 24-09-

verdade, e reproduziu o que pensava e como vivia o jovem Che. E, pelo filme, pode-se ver como sem muita elaboração ideológica um jovem estudante de medicina, por onde passava na América Latina, se envolvia com os explorados: os mineiros do Chile, os leprosos do Peru, os povos indígenas da Amazônia. Sem ser piegas, mas acho que o combustível que movia ao Che era um profundo amor pelos trabalhadores mais pobres. Mesmo quando atuou nas guerrilhas cubanas, congolenses e bolivianas, em extremas condições e perigos, é talvez a prova maior que uma pessoa pode dar. Trocar os sofás, ar condicionado e um bando de puxa-sacos que teria como ministro, além da fama, na Revolução Cubana, por voltar a subir as montanhas e colocar sua vida em risco, o levou a pagar com a própria vida a coerência com um ideal.

IHU On-Line - Como seria uma revolução social ideal para Che Guevara? É possível vislumbrar na sociedade atual um cenário em que o povo assuma seu próprio destino e participe das decisões políticas da sociedade?

João Pedro Stédile - Os ideais revolucionários acerca de uma sociedade mais justa e igualitária estão descritos pelo Che, em suas cartas, em seus discursos, mas ainda mais em sua prática, o tempo todo. Acho que o ideário de Che é defender que somente é possível a libertação das pessoas, na construção de sociedades e regimes políticos, quando elas possuem as mesmas oportunidades e direitos. Onde todos e todas sejam de fato iguais, no poder e na renda. E aplicava isso. Seus filhos foram criados exatamente como qualquer outro filho de um trabalhador cubano. Defendia o estudo como um direito de todas as pessoas, aplicando na prática as idéias de José Martí¹³, que defendia que somente o

2007, destacou como Filme da Semana o recente documentário de Salles intitulado *Santiago*. (Nota da *IHU On-Line*)

¹³ **José Julián Martí** (1853-1895): mártir da independência cubana em relação à Espanha. Além de poeta e pensador fecundo, desde sua mocidade demonstrou sua inquietude cívica e sua simpatia pelas idéias revolucionárias que gestavam entre os cubanos. Em 19 de maio de

conhecimento liberta). Defendia os mecanismos de participação direta do povo, na política, no exercício do poder no estado. Abominava os burocratas, os esquemas burgueses de dominação existentes até hoje. Não só é possível ainda vislumbrar o seu ideal de sociedade como é necessário que a humanidade continue caminhando, perseguindo a construção de regimes políticos em que as sociedades estejam baseadas no princípio de igualdade, da justiça social e da solidariedade.

IHU On-Line - Que tipo de líder era Che Guevara? Quem hoje poderia ser apontado como seu seguidor?

João Pedro Stédile - Che não era um líder carismático por seus dons de oratória. Tinha uma personalidade contrária aos líderes populistas que a literatura registra. Che era tímido, de voz fraca e asmático. Tornou-se um líder por seu exemplo e por sua extrema coerência e identidade com aqueles com quem conviveu. Foi assim que o povo o transformou em líder. Por isso, não adianta buscarmos líderes famosos, que possam se alvarar como descendentes de Che. Acho que todos os militantes sociais, do Brasil, da América Latina e do mundo, que dedicam suas vidas, modestamente, quotidianamente, na luta por causas justas e igualitárias, estão praticando os ideais do Che. E talvez seja por isso que, sem dúvida nenhuma, Che é o líder socialista mais conhecido em todo mundo, durante a segunda metade do século XX até hoje. Tive o privilégio de viajar bastante. E em todas partes do Brasil, da América Latina e do mundo encontramos as referências do Che, entre a juventude.

1895, no comando de um pequeno contingente de patriotas cubanos, após um encontro inesperado com tropas espanholas nas proximidades do vilarejo de *Dos Rios*, José Martí é atingido e vem a falecer em seguida. Seu corpo, mutilado pelos soldados espanhóis, é exibido à população e posteriormente sepultado na cidade de Santiago de Cuba, em 27 de maio do mesmo ano. (Nota da *IHU On-Line*)

Por um socialismo baseado em critérios políticos e éticos

ENTREVISTA COM PETER MCLAREN

Para o professor Peter McLaren, os ensinamentos de Che Guevara “têm bastante a oferecer a educadores” de todo o mundo. Seguidor de Paulo Freire, McLaren diz que as teorias do educador brasileiro e de Che podem desempenhar um papel vital, transformando “as escolas em espaços para a justiça social e a prática socialista revolucionária”. Ele fez essa e outras declarações em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

McLaren é estudioso de Pedagogia Crítica e leciona na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Graduado na Universidade de Waterloo em Literatura Inglesa, fez faculdade de Educação na Universidade de Toronto. É Ph.D. em Teoria Educacional pelo Ontário Institute for Studies in Education (OISE). Escreveu inúmeros livros, dentre os quais citamos A pedagogia da utopia (Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 2001) e Pedagogia revolucionária na globalização (Rio de Janeiro: DPA, 2002). Para maiores informações, acesse o site <http://www.gseis.ucla.edu/faculty/pages/mclaren/>. Confira a entrevista que ele concedeu com exclusividade para a IHU On-Line número 223, de 11 de junho de 2007, intitulada “Paulo Freire é o mais importante educador crítico lido nos EUA”.

IHU On-Line - Como Che é lembrado nos Estados Unidos? Por que na América do Norte a idolatria por ele é bem menor do que nos países do Sul?

Peter McLaren - Para aqueles da esquerda revolucionária, o espírito de Che vive e nos convida a acalmar o turbilhão que nos envolve e fixar nosso olhar em direção ao futuro. A figura de Che Guevara atinge, ao mesmo tempo, o coração e a mente. Aqueles desejosos em responder este chamado são compreensivelmente poucos na América do Norte em comparação com os países da América do Sul. Nós, do Norte, existimos em um estado de esquecimento, de autoproteção em relação às condições nos países “subdesenvolvidos” do Sul. Nós



Nathalia Jaramillo (esquerda) Aleida Guevara March, filha de Che (ao centro) e Peter McLaren (direita).

vivemos em um estado de “amnésia social” sobre como o imperialismo norte-americano roubou as vidas de cidadãos do Sul através da CIA roubando em suas eleições, pelos militares norte-americanos treinando esquadrões da morte no Sul, pelos programas de ajustes estruturais pelo FMI (Fundo Monetário Internacional) e pelo Banco Mundial, pelas políticas comerciais protecionistas dos Estados Unidos, pelo poder militar-corporativo explorando os recursos naturais e a força de trabalho dos pobres. A globalização do capitalismo através das políticas econômicas neoliberais localizou/colocou o volume da nossa classe operária em países de Terceiro Mundo, nos quais a exploração

violenta/descabida ocorre longe dos norte-americanos.

Resquícios de Che na América

Hoje, é o setor informal que mantém a América Latina longe de afundar em um abismo mais profundo de pobreza criado pelos políticos do neoliberalismo. Terras estão sendo devastadas por operações de mineração internacionais, a água e as florestas estão sendo destruídas por desmatamento e lixo tóxico, o ar está saturado com chumbo e partículas em suspensão, e os sistemas de saúde, educação, habitação, saneamento estão em ruínas. As condições que levaram Che Cuevara a pegar em armas ainda estão lá; elas, na verdade, pioraram.

Mas mesmo aqueles do Norte que conhecem as condições no assim chamado Terceiro Mundo freqüentemente sentem-se impotentes para ajudar.

Movimentos sociais nos Estados Unidos precisam se manter firmes, continuar a expandir e aprofundar a sua agenda anticapitalismo e anti-racismo, e educadores precisam fazer um grande caso para o antiimperialismo, para uma alternativa socialista ao capitalismo. A luta pelo socialismo deveria ser a peça central de cada luta revolucionária para derrotar o imperialismo, o racismo, o patriarcado e o colonialismo do poder, como meu trabalho na Venezuela com os chavistas continua a me ensinar. Quem vive nos Estados Unidos, a “barriga” da besta, tem especial responsabilidade para instigar uma revolução socialista aqui mesmo no centro do imperialismo.

IHU On-Line - No seu livro Guevara, Freire e a Pedagogia da Revolução, que relações o senhor apresenta entre Che Guevara e Paulo Freire?

Peter McLaren - O Che é mencionado em alguns dos escritos de Freire¹⁴, mas eles não se conheciam

¹⁴ Paulo Freire (1921-1997): educador brasileiro. Como diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, obteve sucesso

pessoalmente. Ambos eram do Sul, e ambos eram revolucionários. Freire não era um guerrilheiro, mas respeitou a trajetória política de Che, sua vida e trabalho. Freire, claro, tinha um projeto pedagógico sistemático, desenvolvido durante toda sua vida. A pedagogia de Che não foi codificada ou filosófica ou teoricamente desenvolvida, mas estava muito presente em sua luta pelo socialismo e pelo humanismo socialista.

IHU On-Line - Como o pensamento e as ações de Che Guevara influenciaram o senhor na elaboração da pedagogia revolucionaria?

Peter McLaren - Nos países do Norte, a pedagogia crítica tornou-se, nos últimos anos, tão completamente psicologizada, tão liberalmente humanizada, tão tecnologizada, e tão pós-modernizada conceitualmente, que seu atual relacionamento com lutas maiores de libertação parece extremamente atenuado, se não fatalmente acabado. O campo da educação é oprimido por múltiplos, competitivos e altamente sutis discursos acadêmicos. É fácil sentir-se frustrado tentando encontrar um chão seguro sobre o qual agir. Isso tem sido largamente o resultado de duas condições: o desaparecimento da luta de classes nos países do Norte, e o interesse em “políticas identitárias”, que desconecta justiça racial e de gênero da luta contra o capitalismo.

Aqueles de nós que escrevem sobre classes sociais e sistemas mundiais, hoje, estão condenados dentro dos EUA como perpetradores de “violência epistemológica”, que quer trazer “fechamento” ao sentido. Discussões de relações e formações políticas e ideológicas estão sendo aderidas por muitos educadores esquerdistas norte-americanos como se essas arenas de poder social

em programas de alfabetização, depois adotados pelo governo federal (1963). Esteve exilado entre 1964 e 1971 e fundou o Instituto de Ação Cultural em Genebra, Suíça. Foi também professor da Unicamp (1979) e secretário de Educação da prefeitura de São Paulo (1989-1993). Confira, ainda, a edição 223, de 11-06-2007, intitulada *Paulo Freire. Pedagogia da esperança*. (Nota da *IHU On-Line*)

existissem isoladas de forma antisséptica da luta antiimperialista. Aqueles que entendem que a luta antiimperialista e socialista deve ser empreendida ferozmente para a derrota das depredações do capitalismo têm especial admiração por Che Guevara. A vida de Che e seus ensinamentos têm bastante a oferecer a educadores por todo o mundo. Os acadêmicos burgueses que investem em proteger sua própria posição de classe estão interessados em Che apenas até onde sua imagem icônica pode ser desconstruída. Eles são obcecados com sua estatura icônica como um ídolo de filme de matinê que enfeita camisetas e pôsters. Freire reconheceu que uma teoria social identificada como “pós-moderna” corre o sério risco de ignorar a sujeição comum ao capitalismo que as pessoas estão enfrentando ao redor do mundo.

Che X Freire

Em meu livro sobre Freire e Che¹⁵, eu tematizei que, no acordar para a morte da União Soviética, em face da reestruturação da acumulação global e transnacionalização de facções da elite econômica, e no meio do atual entrincheiramento da cultura/ideologia do consumismo e do individualismo, as idéias e o exemplo de Che Guevara e Paulo Freire podem desempenhar um papel vital em ajudar educadores a transformar as escolas em espaços para a justiça social e prática socialista revolucionária, particularmente aqueles educadores que trabalham em instituições de formação/capacitação de professores. Freire pode ensinar-nos sobre saber como sabemos, e saber como saber (know how). Freire admirava Che Guevara, mas o trabalho de Freire é sobre criar consciência revolucionária através da educação, formal e informal. Che acreditava que a luta armada era inevitável e estava preocupado em criar consciência revolucionária fazendo

¹⁵ *Che Guevara, Paulo Freire, and the Pedagogy of Revolution*. Boulder, CO.: Rowman and Littlefield, 2000. (Nota da *IHU On-Line*)

a revolução, a qual incluía resistência armada tanto quanto desenvolvimento humano através da filosofia da prática socialista, ou seja, através de autodesenvolvimento e autoatualização. Ambos, Che e Freire, desejavam um mundo sem exploração e terror.

Mas no presente momento histórico, quarenta anos depois da morte de Che, as contradições no coração da economia de mercado estão mais exacerbadas que no tempo de Che.

No caso de Che, encontramos um ser humano que se identificou totalmente com as massas humanas em sofrimento, e que não estava interessado em posses materiais e poder, e que, como José Martí, possuía uma identificação incondicional com todos aqueles que estão sob o jugo da opressão e da exploração. Che é um símbolo do potencial que todos nós temos para sermos mais completos como seres humanos. A educação era extremamente importante para Che. A educação era parte do processo para a construção de comunidades de “seres humanos novos-socialistas”. Para Freire, o amor é uma característica do verdadeiro diálogo quando este é praticado sem as distorções do poder. Nas palavras de Freire: “Como um ato de bravura, o amor não pode ser sentimental: como um ato de liberdade, ele não deve servir como pretexto para a manipulação. Deve gerar outros atos de liberdade; do contrário, não é amor. Apenas abolindo a situação de opressão é possível restaurar o amor que essa situação tornou impossível. Se não amo o mundo - se não amo a vida - se não amo as pessoas - não posso entrar nesse diálogo”.

Autotransformação e transformação social eram vistas por Che assim como por Freire como mutuamente constitutivas, dialeticamente reiniciando atos que resultam em prática revolucionária - a criação do novo ser socialista para uma revolução permanente.

Che e Freire lutaram tão determinadamente para manter viva a transformação do sistema mundial capitalista, e, através dessa luta, a transformação do

coração humano.

IHU On-Line - O pensamento dele ainda é relevante, mesmo 40 anos após a sua morte?

Peter McLaren - Assim como o mundo parece ter abandonado o socialismo, o socialismo se recusa a abandonar o mundo. A mensagem contida em um dos mais famosos escritos na história do socialismo, o Panfleto Junius, de Rosa de Luxemburgo¹⁶, soa tão verdadeiro hoje como quando ela escreveu estas palavras: “Hoje, encaramos a escolha exatamente como Friedrich Engels¹⁷ a vislumbrou uma geração atrás: o triunfo do imperialismo e o colapso de toda a civilização na Roma antiga, despovoação, desolação e degeneração - um grande cemitério. Ou a vitória do socialismo, que significa a luta de consciência ativa do proletariado internacional contra o imperialismo e seu método de guerra”.

Che constrói um novo socialismo

Muitos revolucionários consideraram a escolha de Luxemburgo para testar o caminho que Che tomou. O que é notável sobre Che foi o modo como ele foi contra a esquerda tradicional de seu tempo na busca pelo novo, caminhos mais igualitários e humanos para sua meta digna, caminhos que ele sentiu que fossem mais consistentes com o que ele entendia que fossem os princípios éticos do comunismo. Che rejeitou os modelos de socialismo do Leste Europeu que reclamavam

¹⁶ Rosa Luxemburgo (1870-1919): filósofa marxista e revolucionária polonesa. Participou na fundação do grupo de tendência marxista que viria a tornar-se, mais tarde, o Partido Comunista Alemão. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁷ Friedrich Engels (1820-1895): filósofo alemão que, junto com Karl Marx, fundou o chamado socialismo científico ou comunismo. Ele foi co-autor de diversas obras com Marx, e entre as mais conhecidas destacam-se o *Manifesto comunista* e *O capital*. Grande companheiro intelectual de Karl Marx, escreveu livros de profunda análise social. (Nota da *IHU On-Line*)

“conquistar o capitalismo com seus próprios fetiches”. Em seu ensaio de março de 1965, “Socialismo e o Homem em Cuba”, ele escreveu: “A alucinação¹⁸ de que o socialismo pode ser alcançado com a ajuda de instrumentos cegos deixados para nós pelo capitalismo (o commodity como célula econômica, lucratividade, interesses materiais individuais como alavanca e assim por diante) pode levar a uma rua sem saída... Para construir o comunismo, é necessário, simultaneamente com as novas fundações materiais, construir um novo homem”. Conjugando contingência com necessidade, Che não estava apenas rejeitando as camadas de tecnocracia e burocracia que tal modelo traria para Cuba, mas também desafiando a visão economista do socialismo (a qual enxergava a esfera econômica como um sistema autônomo governado por leis próprias de valor ou de mercado) com um socialismo baseado em critérios políticos e éticos. É importante enfatizar que o marxismo de Che tem um caráter essencialmente não-dogmático.

Os ensinamentos

O não-dogmatismo de Che no domínio da teoria (Che enxergava o marxismo como um guia para a ação, uma filosofia da prática, uma teoria da ação revolucionária) não estava desligado de sua prática pedagógica, uma vez que ele rejeitou imediatamente o culto stalinista da autoridade (ao qual ele freqüentemente se referia como escolástico/escolasticismo) e reclamou ser impossível educar as pessoas a partir de cima. Fazendo ecoar a questão criada por Marx em suas “Teses sobre Feuerbach”¹⁹ (“quem irá educar os educadores?”), Che escreveu em um discurso de 1960: “A primeira receita

¹⁸ No original de McLaren, “pipe dream”, que significa, literalmente, “sonho de/do cachimbo”, é uma expressão que diz respeito às alucinações provocadas pelo fumo do ópio, e significa “sonho inalcançável” ou “sonho impossível”. (N. da T.)

¹⁹ MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach (Prefácio da Introdução à crítica da economia política). In: *Marx*. São Paulo, Abril Cultural, 1983, Col. *Os Pensadores*. (Nota da *IHU On-Line*)

para educar as pessoas é trazê-las para dentro da revolução. Nunca presume que educando as pessoas elas irão aprender, apenas pela educação, com um governo despótico em seu calço, como conquistar seus direitos. Ensine-as, primeiro, e principalmente, a conquistar seus direitos e quando elas forem representadas no governo irão aprender sem esforço o que quer que lhes seja ensinado e muito mais”. Che começou com o desafio da capacidade humana na criação do “novo homem”, com o imperativo de transformar os multilateralmente agravados e o sofrimento humano sob o jugo da agressão imperialista. O que Che advogava era, em essência, uma política de autotransformação pela luta revolucionária, a luta pela humanidade, dignidade, liberdade e justiça do ponto de vista do proletariado lutando a guerra de classes.

Atualidade do pensamento de Che

Ao olharmos para as lutas socialistas contemporâneas por práticas de democracia direta e representativa, reconhecemos o *insight* de Che de que a luta de classes é mais que uma luta econômica, é uma luta para que [as pessoas] se tornem mais completas como seres humanos através da criação de sociabilidades em alargamento contínuo, de horizontes ilimitados para o enriquecimento humano. Nesse contexto, uma pedagogia da libertação torna-se a auto-educação do povo através de sua própria prática revolucionária como parte da luta de classes. E a luta de classes, nesse sentido, se refere à luta por uma classe em si que se torne uma classe por si através de participação direta e ação protagonista na parte das massas elas mesmas.

Che procurou a abolição dos vestígios econômicos do capitalismo não como resultado automático do desenvolvimento das forças produtivas (ele rejeitava incondicionalmente a tensão evolucionista do progresso industrial-capitalista), mas pela intervenção do planejamento social (em contraste com o planejamento

centralizado praticado no stalinismo). Além disso, Che reconheceu a autonomia específica da transformação social, política e ideológica que compreende o todo social, e avaliou a importância da motivação político-moral e a necessidade de várias formas de ação para mudar a consciência das massas com vistas a causar a hegemonia ideológica dos valores comunistas.

Tal luta e mudança de consciência é necessária para a luta revolucionária por todo o globo. Como apontado por Che, “o socialismo não pode existir sem uma mudança de consciência de que causará uma mais irmanada disposição para o humanitário, tanto em nível individual naquelas nações onde o socialismo estava sendo, ou foi, construído, quanto em nível mundial, com todas as nações que são vítimas da opressão imperialista”.

A sociedade desejada

Che procurou criar as condições necessárias para a construção de uma sociedade que fosse qualitativamente diferente dessa sociedade capitalista, uma verdadeira alternativa libertadora do capital em todas as suas formas, uma revolução total que transcenderia o valor do trabalho. Che não viveu para ver sua missão completa. Ainda, em outro sentido, Che pode ser considerado como muito vivo. Seu valoroso e notável espírito se reflete em cada camarada/companheiro pronto para lutar uma vez mais pela independência de ‘Nuestra America’. Na verdade, hoje a influência de Che é mais sentida que durante sua vida. Um grão de trigo deve cair no chão e morrer para que sua semente possa criar raiz.

***IHU On-Line* - Paulo Freire introduziu Che Guevara como um modelo ideal para o diálogo não violento. Como conciliar essa idéia com a opção pela luta armada?**

Peter McLaren - Críticos do papel de Che na guerrilha tentaram apontar as contradições que a figura de Che deveria encarnar, particularmente sua advocacia pelo humanismo e a importância que ele toma pelo sagrado da

vida humana. Como ele concilia seu respeito pela humanidade com a ênfase que dava à guerrilha e a tomada de vidas humanas? Che rejeitou a criação de uma revolução nacional-democrática (uma concepção do tipo menchevique²⁰), que também colaboraria com ou ofereceria um papel revolucionário à burguesia. A experiência cubana convenceu Che de que a burguesia nacional nunca aceitaria a reforma agrária e a expropriação de monopólios imperialistas e eventualmente tentaria uma contra-revolução através de alianças com latifundiários, as oligarquias dominantes e com, talvez, a assistência militar de imperialistas e mercenários norte-americanos. Rejeitando a então prevalente visão da esquerda tradicional latino-americana de que o caráter semifeudal e semicolonial das economias latino-americanas mitigariam uma revolução socialista em favor de uma revolução nacional-democrata, Che estava absolutamente convencido de que apenas uma revolução socialista baseada em uma aliança de trabalhadores e camponeses poderia realizar a libertação permanente das Américas. O aparato burocrático-militar do Estado burguês teve que ser destruído porque o maquinário político-militar do Estado iria inevitavelmente trair o povo em favor dos capitalistas. Ainda, enquanto Che era um arquiteto da guerrilha, ele tanto advogou quanto aderiu aos padrões de respeito pelo inimigo.

A violência da revolução permanece

A violência estrutural prevalece nos atuais regimes imperialistas e seus Estados, mas nunca é condenada por esses Estados! A violência revolucionária é a única violência oficialmente condenada por esses Estados! No

20 Os Mencheviques, no início do século XX, eram uma facção minoritária de revolucionários na luta pela social-democracia na Rússia (liderados por Julius Martov), e faziam oposição aos Bolcheviques (maioria), que estavam com Vladimir Lenin e que acabaram no poder quando da Revolução de 1917. (N. da T.)

pensamento de Che, a violência revolucionária é a única violência que pode ser justificada, enquanto camponeses e trabalhadores tentam defender seus familiares das agressões da classe capitalista transnacional representada no primeiro e terceiro níveis de violência. Ou quando revolucionários tentam derrubar ditadores capitalistas. A violência revolucionária pode desencadear tão poderosa violência reacionária que alguns revolucionários advogavam pela resistência não-violenta (Jesus e Gandhi²¹ são dois dos mais proeminentes exemplos históricos). A resistência não-violenta é preferível, claro, mas nem sempre possível. O grande desafio hoje é tentar educar o povo ao redor do mundo sobre o capitalismo neoliberal - que é uma forma de violência estrutural que deve ser derrotada. Como a derrotamos irá variar dependendo das circunstâncias históricas que enfrentamos e dos contextos e conflitos globais, locais e regionais em que nos encontramos.

²¹ Mahatma Gandhi (1869-1948): líder pacifista indiano um dos idealizadores e fundadores do moderno estado indiano e um influente defensor do Satyagraha (princípio da não-agressão, forma não-violenta de protesto) como um meio de revolução. O princípio do satyagraha, freqüentemente traduzido como “o caminho da verdade” ou “a busca da verdade”, também inspirou gerações de ativistas democráticos e anti-racistas, incluindo Martin Luther King e Nelson Mandela. Frequentemente Gandhi afirmava a simplicidade de seus valores, derivados da crença tradicional hindu: verdade (*satya*) e não-violência (*ahimsa*). (Nota da IHU On-Line)

“Che foi absorvido pela sociedade de consumo que ele morreu tentando combater”

ENTREVISTA COM LUCIANA FERREIRA DE MATOS

“Ainda que alguns setores tenham-no visto como criminoso, outros fizeram dele o emblema do mártir na luta contra ditaduras. Dando a vida por suas idéias, consagrou a imagem do herói idealista, romântico, aventureiro e desinteressado, disposto a todos os sacrifícios - virtudes que compõem o mito Guevara”, afirma a publicitária Luciana Ferreira de Matos, ao falar sobre Ernesto Che Guevara, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Ela conclui que “Che Guevara, de alguma forma, manteve uma posição de força na imaginação popular, sobretudo entre os jovens de diferentes gerações. Tudo o que ele significou e expressou, sua força e utopia, canalizada em movimentos sociais, talvez não tenha sido (totalmente) destruído”. Luciana, que é bacharel em Publicidade e Propaganda pela ESPM, é autora de um artigo, publicado em agosto de 2007, na Revista Think, como uma versão do seu trabalho de conclusão, intitulado “Che Guevara: o consumo do mito - capitalismo, sociedade de consumo e cultura da mídia”, orientado pela professora Adriana Kurtz, dos cursos de Publicidade e Propaganda e Design da ESPM.

IHU On-Line - Como se deu o processo de transformação do ícone revolucionário Che Guevara em uma imagem de consumo?

Luciana Ferreira de Matos - Hoje em dia, Che é mais uma vez tão controvertido e tão reconhecido universalmente como era nos dias em que se transformara num símbolo da revolta estudantil. Depois de cair no esquecimento nos anos 1970 e 1980, ele teve um ressurgimento popular nos anos 1990 como símbolo imorredouro do desafio apaixonado contra um *status quo* arraigado. Imagens de Che Guevara eram carregadas como ícones por manifestantes estudantis em Paris e Tóquio, e seu rosto barbudo, inquestionavelmente másculo e de boina, fez bater corações mesmo não políticos na contracultura. Fosse na França, contra o

conservador Charles De Gaulle²²; nos Estados Unidos, contra a participação norte-americana na Guerra do Vietnã; no México, quando aconteceram as primeiras manifestações contra o Partido Institucional Revolucionário; ou na África, continente que viu eclodir a guerra de guerrilha em quase todos os países nos vinte anos seguintes à sua morte, a lembrança e a imagem de Che Guevara esteve presente em bandeiras, faixas, camisetas mas, principalmente, nas mentes e corações dos revolucionários. Houve forte identificação da juventude com a figura de Che. Entre seus admiradores, havia muitos universitários de classe média do continente americano e europeu. Para esses jovens de esquerda,

²² Charles de Gaulle (1890-1970): general e presidente da França de 1958 a 1969. (Nota da *IHU On-Line*)

Che personificava o idealismo igualitário. Portanto, a morte de Che Guevara aumentaria ainda mais o mito do guerrilheiro heróico e generoso. A boina e a estrela compõem até hoje a personificação do revolucionário rebelde, um símbolo que resiste ao tempo. Ainda que alguns setores tenham-no visto como criminoso, outros fizeram dele o emblema do mártir na luta contra ditaduras. Dando a vida por suas idéias, consagrou a imagem do herói idealista, romântico, aventureiro e desinteressado, disposto a todos os sacrifícios - virtudes que compõem o mito Guevara. A conhecida fotografia de Che Guevara, de autoria de Alberto Korda²³, foi captada em março de 1960 em um serviço funerário cubano, sendo publicada sete anos após a morte de Che. A imagem mais famosa é o desenho do seu busto em alto contraste. Esta imagem foi reproduzida em uma grande variedade de mídias, tornando-se cada vez mais usual no contexto da cultura de massa e das imagens publicitárias. Incorporado pela publicidade, seu nome e sua imagem revelam-se hoje, como marca de cerveja, modelo de relógio, capas de discos, estampas de camisetas, entre outros milhares de artigos de consumo.

IHU On-Line - Quais são as análises de peças que você realizou sobre o tema e as conclusões que chegou?

Luciana Ferreira de Matos - A seleção das peças foi organizada de modo a dar conta de quatro categorias que abarcam a cultura da mídia e a publicidade, e que tiveram circulação massiva, utilizando a imagem de Che Guevara. Foram analisadas as seguintes peças: o filme do Casseta & Planeta *A taça do mundo é nossa* (2003), incorporação do personagem Che Guevara; VT Publicitário Bombril; Peça Gráfica Bombril; uma camiseta que nos anos 1970 circulou unindo a marca americana da

²³ Alberto Díaz Gutiérrez, ou Alberto Korda (1928-2001): fotógrafo cubano internacionalmente famoso por sua fotografia de Che Guevara. Nunca recebeu qualquer tipo de remuneração pelas fotos e nunca empenhou-se em receber. (Nota da *IHU On-Line*)

Coca-Cola com o nome de Che; outra camiseta com sua imagem estampada da loja on-line norte-americana especializada em produtos com estampas de Che Guevara; logotipo do vinho chileno Chevere, produzido no Vale Central; logotipo do refrigerante Revolution Soda; perfume francês “Che Guevara” da marca Max Gordon; e o cigarro chileno “El Che”. Após a análise das nove peças conclui que Che Guevara, de alguma forma, manteve uma posição de força na imaginação popular, sobretudo entre os jovens de diferentes gerações. Tudo o que ele significou e expressou, sua força e utopia, canalizada em movimentos sociais, talvez não tenha sido (totalmente) destruído. Porém, através das análises feitas, no contexto da cultura capitalista pós-moderna, sua imagem foi despolidizada (para dizer o mínimo). De fato, há que se lembrar que, tanto nos produtos de consumo como na mídia, em campanhas publicitárias e até em filmes comerciais de humor massivo, podemos detectar a utilização da imagem de Che Guevara.

IHU On-Line - Como essas apreensões da imagem de Che deturpam seus ideais, sua ideologia guerrilheira?

Luciana Ferreira de Matos - Sua imagem é usada para divulgar ações com objetivos meramente comerciais, o que é o oposto de tudo o que Che, de fato, simboliza. A figura de Che Guevara - e seu significado - sofreu uma implacável ação de despolidização: o ídolo revolucionário, que começou sendo um símbolo de lutas sociais, torna-se uma mera imagem de consumo, retirado do seu contexto histórico.

IHU On-Line - Como explica a relação da figura de Che se tornar um ícone de consumo se ele lutava justamente pelo oposto, em favor de uma contracultura?

Luciana Ferreira de Matos - Enquanto exemplo de um homem que lutou e combateu o sistema, e pontualmente, o imperialismo norte-americano, Che

Guevara foi também um símbolo importante da contracultura. Em sua luta contra o imperialismo, Guevara morreu, mas deixou para sempre personificado o seu idealismo igualitário. Sob a cultura de massa, entretanto, seu nome iniciou uma trajetória para o universo dos bens de consumo. Resulta disso que, hoje, quem consome produtos variados com a imagem dele provavelmente não está exercitando nenhuma forma de contracultura: pelo contrário, corre o risco de estar se inserindo no mais tradicional modelo de cultura de massa capitalista. A cultura pop internacional usa e abusa da imagem de Che Guevara, tirando o seu valor crítico, político e social. Che foi absorvido pela sociedade de consumo que ele morreu tentando combater. A ironia é como a representação de um revolucionário de esquerda, do comunismo, tem sido utilizada indiscriminadamente no sistema capitalista, e como foi inserida no imaginário popular de uma sociedade de consumo.

***IHU On-Line* - Até que ponto a publicidade é responsável por essa apreensão e disseminação de Che como um “mito consumível”?**

Luciana Ferreira de Matos - Há uma cultura veiculada pela mídia e pela publicidade, cujas imagens influenciam os comportamentos sociais contemporâneos, forjando, assim, a identidade das pessoas. Através da publicidade e do consumo, o sistema capitalista se apoderou dos movimentos libertários juvenis nascidos nos anos 1960 e de seus diversos símbolos, transformando os sonhos em mercadorias. São exemplos que vão desde os pôsteres de bandas de rock, passando por bonés de beisebol até a lingerie feminina. A Swatch já usou a imagem de Che Guevara num relógio de pulso, assim como a Vodka Smirnoff usou sua imagem na campanha para vender o produto; a modelo Gisele Bündchen desfilou com um biquíni da marca Cia. Marítima com o rosto de Che estampado. Isso para não falar de outros produtos como

camisetas, bonés, broches, mochilas, carteiras, casacos, bolsas, que são vendidos no mundo todo. No México, a figura do Che está presente em preservativos, enquanto nos Estados Unidos aparece estampada em caixas de lenços descartáveis, garrafas de vinho na França e maços de cigarro na Espanha. Uma empresa australiana chegou a lançar o sabor de sorvete inspirado no nome do líder guerrilheiro, “Cherry Guevara”. Uma fabricante de cremes para lábios foi além: lançou um creme sabor goiaba com a imagem do revolucionário na marca, cujo anúncio, patético, dizia “Rebele-se contra a secura dos lábios”. O estilista francês Jean Paul Gaultier usou a imagem de Che para vender óculos de sol e Madonna vestiu a boina do guerrilheiro heróico para divulgar seu álbum *American Life*.

***IHU On-Line* - Há algum possível sentido revolucionário ou utópico latente nos produtos que utilizam a imagem de Che, ou não há uma junção neste aspecto?**

Luciana Ferreira de Matos - Em que pese esta constatação, ainda podemos reafirmar e resgatar o idealismo de Che Guevara, através de pesquisas históricas. Porém, em relação ao consumo dos produtos que utilizam a imagem do revolucionário não podemos falar o mesmo. Sua imagem iniciou uma trajetória melancólica apontando para os bens de consumo na sociedade capitalista. Essa trajetória conduz a imagem de um ídolo revolucionário, que começou sendo um símbolo das lutas políticas e sociais, para uma situação contrária, na qual perde-se a matriz ideológica original (contestatória) e resta apenas uma (entre tantas) imagem de consumo.



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Entrevista da Semana

Agamben e a vida nua: produto final da máquina antropológica

ENTREVISTA COM SANDRO DE SOUZA FERREIRA

Examinando o pensamento de Giorgio Agamben, o advogado e filósofo Sandro de Souza Ferreira afirma que, a partir da instituição da máquina antropológica, o homo é um animal constitutivamente antropomorfo, “uma máquina ou um artifício para produzir o reconhecimento do humano”. Assim, não podendo “funcionar senão que instituindo em seu centro uma zona de indiferença na qual deve produzir-se a articulação entre o humano e o animal, entre o homem e o não-homem, entre o falante e o vivente, o produto final da máquina antropológica não é nem uma vida animal nem uma vida humana, mas tão somente uma vida separada e excluída de si mesma. É o que Agamben vai chamar de vida nua”. As declarações fazem parte da entrevista a seguir, concedida por Ferreira à IHU On-Line por e-mail. A inspiração para a entrevista veio a partir da comunicação Da máquina antropológica à vida nua: a filosofia de Giorgio Agamben no rastro do homo sacer, que Ferreira apresentou no IV Colóquio Nacional de Filosofia da História e do X Colóquio de Filosofia Unisinos, que ocorreram nos dias 27, 28 e 29 de agosto.

Sandro de Souza Ferreira é formado em direito pela Unisinos, promotor de Justiça em Novo Hamburgo, professor de direito ambiental e de direito penal na Feevale. É mestre em Filosofia na Unisinos, com a dissertação O próximo de Kierkegaard, o outro de Lévinas e a condição animal. Possui inúmeros artigos técnicos publicados em periódicos e trabalhos apresentados em congressos ligados à Filosofia e Medicina Veterinária. Na edição 191 da IHU On-Line, intitulada Por uma ética do alimento. Sobriedade e compaixão, de 14-08-2006, concedeu a entrevista Os animais e a questão da alteridade. O material pode ser acessado na página eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, www.unisinos.br/ihu.

IHU On-Line - Qual é a definição que Agamben dá ao homo sacer?

Sandro de Souza Ferreira - Inicialmente, e antes mesmo de responder diretamente a essa questão, gostaria de fazer algumas considerações preliminares que

julgo importantes. Examinar uma obra ainda em construção, o pensamento de um filósofo ainda vivo, apresenta sempre algumas particularidades. A primeira delas é que muitas das dúvidas e das lacunas freqüentemente apontadas nos grandes textos clássicos

podem ser evitadas ou superadas quanto ao pensamento contemporâneo, através de vários materiais de consulta e de apoio, tais como entrevistas, sinopses de conferências, atas de eventos etc., além de, também, muitas vezes, correspondências e contatos diretamente mantidos com os próprios pensadores. Essas são algumas facilidades que não podem ser desprezadas. Por outro lado, há que se reconhecer, também, em tais situações, uma boa dose de risco, uma vez que um pensamento em construção é sempre um pensamento em construção e os resultados, embora possam ser previsíveis, comportam, no mais das vezes, encaminhamentos surpreendentes. É na esteira dessas facilidades e desses riscos que o pensamento de Agamben²⁴ deve ser estudado. O pensamento de Agamben é um pensamento em construção. E mais que isso: a própria série de reflexões *Homo sacer* é, ainda, uma séria incompleta. O plano da obra *Homo sacer*, tal como idealizado por Agamben, é o

²⁴ Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Faculdade de Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Università di Macerata, Università di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo norte-americano. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002); *A linguagem e a morte: um seminário sobre o lugar da negatividade* (Belo Horizonte: UFMG, 2005); *História e infância: destruição de experiência e origem da história* (Belo Horizonte: UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007); *Estâncias - A palavra e o fantasma na cultura* (Belo Horizonte: UFMG, 2007); e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). A edição 81 da *IHU On-Line*, de 27-10-2003, intitulada *O Estado de exceção e a vida nua: a lei política moderna*, é dedicada a uma análise de obras de Agamben. A edição 236 da *IHU On-Line*, de 17-09-2007, publicou a entrevista *Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito*, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin. Em 04-09-2007, o site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins. Para conferir o material, acesse www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

seguinte: o projeto iniciou com a publicação, em 1995, do volume I, *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*; a primeira parte do volume II, intitulada *Estado de exceção*, foi publicada em 2003; em 1998, ou seja, antes mesmo da publicação dessa primeira parte do volume II, foi publicado o volume III, intitulado *O que resta de Auschwitz. O arquivo e o testemunho*. No momento, ainda restam pendentes a publicação da segunda parte do volume II e a publicação do volume IV, com o qual Agamben pretende encerrar a série e no qual, segundo suas palavras, “a investigação completa aparecerá sob sua luz própria”.

A expulsão da condição animal do homem

Pois bem, respondendo agora a questão formulada. Sabe-se que a tradição filosófica sempre esteve indissolúvelmente ligada - embora nem sempre o reconhecesse - à dificuldade de definir a vida. É conhecida a distinção que faziam os gregos entre *zoé* - a vida pura e simples, comum a todos os seres vivos - e *bios* - a maneira própria de viver dos indivíduos. Quando Aristóteles²⁵, por exemplo, expõe as diferenças entre a vida contemplativa - reservada ao filósofo -, a vida do prazer e a vida política, não estava se referindo a *zoé*. Em nenhum desses casos, a vida tomada em conta por Aristóteles era a simples vida natural, mas sim uma forma especial, qualificada e muito particular de vida. E não é que os gregos negassem que a *zoé* pudesse constituir um bem em si mesmo. Entretanto, embora pudesse a vida puramente natural constituir um bem em

²⁵ Aristóteles de Estagira (384 a.C. - 322 a.C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas - por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega - acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

si, ela era excluída da vida na *polis* - e somente na *polis* era possível viver segundo o bem. Para Agamben, essa dificuldade de definir, precisamente, a vida, paradoxalmente, fez com que o indefinível acabasse por ser “incessantemente articulado e dividido”. A condição animal foi subtraída - ou expulsa - do interior do homem como condição de “possibilidade de se estabelecer uma oposição entre o homem e os demais viventes e, ao mesmo tempo, de organizar a complexa - e nem sempre edificante - economia das relações entre os homens e os animais”. Essa cesura entre o humano e o animal se estabeleceu, nas palavras de Agamben, “fundamentalmente no interior do homem, que foi pensado como a articulação e a conjunção de um corpo e uma alma, de um vivente e de um *logos*, de um elemento natural e de um elemento sobrenatural”. A cesura se dá através do que Agamben chama de máquina antropológica, noção implicitamente sempre presente nas reflexões da série *Homo sacer*, e que é explícita e claramente detalhada no texto “O aberto. O homem e o animal” - texto esse que não se circunscreve na série mas guarda, com ela, perfeita sintonia.

Máquina antropológica

A máquina antropológica, conforme Agamben, é “constituída como que por uma série de espelhos em que o homem, ao olhar-se, vê a própria imagem deformada”. A partir da instituição da máquina antropológica, “*Homo* é um animal constitutivamente antropomorfo, quer dizer, semelhante ao homem e *Homo sapiens* não é, pois, uma substância nem uma espécie claramente definida; é, antes, uma máquina ou um artifício para produzir o reconhecimento do humano”. Justamente porque não pode funcionar senão que instituindo em seu centro uma zona de indiferença na qual deve produzir-se a articulação entre o humano e o animal, entre o homem e o não-homem, entre o falante e o vivente, o produto final da máquina antropológica não é nem uma vida

animal nem uma vida humana, mas tão somente uma vida separada e excluída de si mesma. É o que Agamben vai chamar de *vida nua*, ou seja, “aquela que qualquer um pode tirar sem cometer homicídio ou aquela que qualquer um pode levar à morte, em que pese seja insacrificável”.

Mais que a simples vida natural, portanto, a *vida nua* é a vida exposta à morte. É justamente essa zona vazia, essa zona de indiferença que habita o *Homo sacer*, aquele que nada mais é que *vida nua*. O *Homo sacer* pode receber a morte das mãos de quem quer que seja sem que isso signifique, para o seu autor, a mácula do sacrilégio. “O *Homo sacer* pertence a deus na forma da insacrificabilidade e está incluído na comunidade como possibilidade de que se lhe dê morte violenta. É a vida insacrificável a que, sem embargo, pode dar-se a morte”. O que define a condição de *Homo sacer*, portanto, não é tanto a pretendida ambivalência originária da sacralidade que lhe é inerente, mas “o caráter particular da dupla exclusão em que se encontra aprisionado e da violência a que se acha exposto”. Esta violência “não é classificável nem como sacrifício, nem como homicídio; nem como execução de uma condenação, nem como sacrilégio”. Daí que o *Homo sacer* é, ao mesmo tempo, “santo e maldito”, abarcando, em alguns exemplos de Agamben, “os condenados à morte, os confinados nos campos de concentração e os que se enquadram na definição de *vida indigna de ser vivida*”.

IHU On-Line - Como esse conceito pode nos ajudar a compreender o sujeito contemporâneo?

Sandro de Souza Ferreira - A série de reflexões *Homo sacer* contém o pensamento político de Agamben. E nesse sentido, passaria, também, pela questão do sujeito. Mas Agamben não se detém tanto nesse aspecto em particular. Mais que a questão do sujeito, Agamben parece dar mais importância à questão, para ele central,

das íntimas e talvez indissolúveis ligações entre direito e violência. Nesse passo, seu pensamento aproxima-se bastante das reflexões de outro filósofo contemporâneo, Jacques Derrida²⁶. A referência de Agamben, aqui e no texto *Estado de exceção*, ele o reconhece explicitamente, é “Força de lei: o fundamento místico da autoridade”, célebre conferência proferida por Derrida no ano de 1989. Nessa conferência, Derrida expôs a íntima ligação entre lei, direito e violência, a qual colocaria em questão, inclusive, a própria possibilidade da justiça. O título da conferência já sugere as questões de fundo colocadas por Derrida, na medida em que “a expressão força de lei é uma alusão direta e literal à força que, do interior, vem lembrar-nos que o direito é sempre uma força autorizada”. E as questões de fundo são: “Como distinguir entre esta força de lei e a violência que se julga sempre injusta? E como distinguir entre a força de lei de um poder legítimo e a violência pretensamente originária que esta autoridade deve ter instaurado?”. As respostas a essas questões, para Derrida, exigiriam um retorno a Montaigne²⁷ e a Pascal²⁸,

²⁶ Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Em sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973); *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994); *Posições* (Belo Horizonte: Autêntica, 2001); *Torres de Babel* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002); *A escritura e a diferença* (3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002); *O animal que logo sou* (São Paulo: Unesp, 2002); *A universidade sem condição* (São Paulo: Estação Liberdade, 2003); *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004); e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007).

Dedicamos a Derrida a editoria *Memória* da *IHU On-Line* edição 119, de 18-10-2004. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁷ Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592): escritor e ensaísta francês, considerado por muitos como o inventor do ensaio pessoal. Nas suas obras e, mais especificamente nos seus *Ensaíes*, analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época e tomando a generalidade da humanidade como objeto de estudo. É considerado um cético e humanista. Escreveu um capítulo chamado *Dos canibais*, que continua sendo uma das mais belas páginas

para o exame daquilo que ambos chamaram de o “fundamento místico da autoridade”. E as conclusões de Derrida coincidem com as observações de Montaigne e de Pascal: “As leis não são justas enquanto leis. Não se lhes obedece por serem justas, mas porque têm autoridade”. Daí que “a autoridade das leis não se assenta senão no crédito que se lhes dá; crê-se nelas, tal é o seu fundamento único”. E tal é “o fundamento místico da autoridade. Não podem, por definição, a origem da autoridade, a fundação ou o fundamento, a posição da lei, apoiar-se senão em si mesmas”.

Agamben destaca que essa ficção sobre a qual se funda toda a regulamentação é a mesma que, aprisionada pela indecibilidade, constitui a abertura para que se instaure o estado de exceção, em que “a norma exhibe sua superação em pura força”. A partir de então não há mais que se falar, sequer, em *força de lei*, senão que, somente, em *força de XXX*. Atos que não têm valor de lei e, no entanto, adquirem força. “A força de lei flutua como um elemento indeterminado, que pode ser reivindicado tanto pela autoridade estatal como por uma organização revolucionária. O estado de exceção é um espaço anônimo no qual se põe em jogo uma força de lei sem lei e que se deveria, portanto, escrever *força de XXX*.”

IHU On-Line - A vida nua à qual o filósofo se refere pode ser entendida nos mesmos moldes que em Hannah Arendt?

do encontro da cultura européia com os nativos do Novo Mundo. O capítulo pode ser conferido em *Ensaíes. Livro I* (São Paulo: Martins Fontes, 2000), traduzido por Rosemary Costhek Abilio. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁸ Blaise Pascal (1623-1662): filósofo, físico e matemático francês de curta existência, que criou uma das afirmações mais repetidas pela humanidade nos séculos posteriores: O coração tem razões que a própria razão desconhece, síntese de sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção. (Nota da *IHU On-Line*)

Sandro de Souza Ferreira - Isso não fica claro nos textos de Agamben. Hannah Arendt²⁹ é uma filósofa bastante respeitada por ele, assim como também o são, por exemplo, Walter Benjamin³⁰, Emmanuel Lévinas³¹, Michel Foucault³² e

²⁹ Hannah Arendt (1906-1975), filósofa e socióloga alemã, de origem judaica. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Entre suas obras, citamos: *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal* (Lisboa: Tenacitas, 2004); *O sistema totalitário* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978); *O conceito de amor em Santo Agostinho* (Lisboa: Instituto Piaget); *A vida do espírito. v.1* (Pensar. Lisboa: Instituto Piaget); *Sobre a revolução* (Lisboa: Relógio D'Água); *Compreensão política e o futuro e outros ensaios* (Lisboa: Relógio D'Água, edição da Perspectiva, 2002). Sobre Arendt, confira as edições 168 da *IHU On-Line*, de 12 de dezembro de 2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein*. Três mulheres que marcaram o século XX, e a edição 206, de 27-11-2006, intitulada *O mundo moderno é o mundo sem política. Hannah Arendt 1906-1975*, ambas disponíveis para *download* no sítio do IHU,

www.unisinos.br/ihu. Nas Notícias diárias de 01-12-2006 você confere a entrevista *Um pensamento e uma presença provocativos*, concedida com exclusividade por Michelle-Irène Brudny para nosso site. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁰ Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da *IHU On-Line*)

³¹ Emmanuel Lévinas (1906-1995): filósofo lituano, nascido na cidade de Kaunas (ou Kovno), de descendência judaica e naturalizado francês, bastante influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl, de quem foi tradutor, assim como pelas obras de Martin Heidegger. Seu pensamento parte da idéia de que a ética, e não a ontologia, é a Filosofia primeira. É no face-a-face humano que se irrompe todo sentido. Diante do rosto do Outro, o sujeito se descobre responsável e lhe vem à idéia o Infinito. (Nota da *IHU On-Line*)

³² Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo

Jacques Derrida. A respeito da origem da expressão *vida nua*, Agamben não remete a Hanna Arendt, mas sim a Walter Benjamin. Hanna Arendt, porém, é invocada várias vezes ao longo dos discursos de Agamben, geralmente com menções de aprovação, o que já não ocorre com os discursos, por exemplo, de Martin Heidegger³³ e de Carl Schmitt³⁴, em relação aos quais Agamben deixa claro seus pontos de distanciamento.

qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da loucura*, *O nascimento da clínica*, *As palavras e as coisas*, *A arqueologia do saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e punir* e *A história da sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a "tomada de poder" proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em duas edições a *IHU On-Line* dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004 e edição 203, de 06-11-2006, ambas disponíveis para *download* na página do IHU. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento *Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault*. (Nota da *IHU On-Line*)

³³ Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a *IHU On-Line* publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt*. A fascinação por noções fundadoras do nazismo. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para *download* no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. Confira, ainda, o nº 12 do *Cadernos IHU Em Formação* intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁴ Carl Schmitt (1888-1985): jurista e cientista político alemão. A *IHU On-Line* 139, de 2-05-2005, publicou o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt*. A fascinação por noções fundadoras do nazismo. (Nota da *IHU On-Line*)

Invenção

A NOVA EDITORIA DA REVISTA IHU ON-LINE

Esta nova editoria, semanal, é dedicada à publicação de inéditos de poetas da literatura contemporânea do Brasil, com mais de um livro, ou que recém publicaram suas primeiras obras, ou que publicam em revistas eletrônicas e sites. Poetas que procuram algum sentido de invenção. O nome da editoria é uma homenagem à revista de poesia publicada pelo poeta **Décio Pignatari** nos anos 1960. Ela apresentou, ao longo de seus poucos, mas importantes números, autores como **Paulo Leminski** e certamente dialoga com a categoria de “poetas inventores”, criada por **Ezra Pound**, que seriam os homens “que descobriram um novo processo ou cuja obra nos dá o primeiro exemplo conhecido de processo”. Em pleno século XXI, a categoria de “inventores”, no entanto, não é a mais interessante para delimitar o trabalho dos poetas. É importante, nesse sentido, lembrar que a palavra “invenção” remete à própria origem da palavra poesia, em grego: **poíesis** - ação de fazer e criar alguma coisa. Com esta editoria, a **IHU On-Line** tentará proporcionar ao leitor e à leitora um contato também com poetas emergentes, através de introduções que falam sobre os seus escritos, na tentativa de apresentar um pouco do que se produz hoje no Brasil nesse gênero, como diriam **Décio Pignatari** e **Augusto de Campos**, dois dos criadores da poesia concreta, “à margem da margem”. Nesta estréia, apresentamos poemas de Virna Teixeira.

Virna Teixeira

Virna Teixeira, poeta e tradutora, nasceu em 1971, em Fortaleza (CE). Mora em São Paulo, onde trabalha como neurologista. Publicou os livros, com poemas próprios **Visita** (2000) e **Distância** (2005), ambos pela 7Letras do Rio de Janeiro. Também organizou as edições **Na estação central** (Brasília: EdUnB, 2006), com traduções de poemas do escocês Edwin Morgan, e **Ovelha negra - uma antologia de poesia da Escócia do século XX** (São Paulo: Lumme, 2007). Em sua poesia, Virna lança um olhar microscópico sobre pequenos detalhes do dia-a-dia, sobre um certo vazio cotidiano e sobre viagens, revelando o corpo em movimento (de fuga ou de encontro), acompanhado ou solitário. Não por acaso, os poemas que ela enviou para a **IHU On-Line** fazem parte

de um livro intitulado **Trânsitos**, no prelo da Editora Lumme. Mesmo tratando algumas vezes de locais específicos, seus poemas não podem ser vistos como flashes fotográficos ou como postais, e sim como uma significação do sentimento contemporâneo de procura. Uma procura, sobretudo, por aquilo que está deslocado: “pequeno, o / frágil / corpo / soluça / / vermelha, / a flor / entre os / dedos”, como ela escreve no poema “Calçada”, de **Distância**. Virna estabelece um diálogo sobretudo com a poesia de língua inglesa, com nomes como Robert Creeley, William Carlos Williams e Sylvia Plath, e com as artes plásticas, realizando poemas baseados em obras de artistas como a mexicana Frida Kahlo e o cearense Leonilson.

Nado em alto-mar, maremoto. Flutuar sobre naufrágios, resíduos. Submersa no que não era - afogamento. Mergulho, viagem marítima. Escapismo, estrelas-do-mar. Sentimentos líquidos.

Ebulição. Dissolução de formas. Novas, transitórias, fluidas. Tensão, polaridade.

Repetição, aprendizado: trajeto contra a correnteza até a margem.

Memória da água. Desenhos na areia, espuma.

stromboli

ondas como lavas alcançam a praia após a tormenta

depuram-se mágoas, em sucessivas águas

raiva que evapora em névoa

nas bordas distantes de uma cratera ativa

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias do Dia do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS ESPECIAIS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU) DE 01-10-2007 A 06-10-2007

Música, consumo, entretenimento. O fenômeno gospel

Magali do Nascimento Cunha

Confira nas *Notícias do Dia* 01-10-2007

A jornalista Magali do Nascimento Cunha diz que o fenômeno gospel transformou o jeito de ser dos evangélicos e católicos brasileiros.

A importância do Atlântico Sul para o clima global

Ana Luiza Spadano

Confira nas *Notícias do Dia* 02-10-2007

Para a professora de Biologia Ana Luiza Spadano, não são apenas as ações do homem que estão alterando o clima do planeta. De acordo com os estudos realizados sobre os oceanos, a pesquisadora chama a atenção para as mudanças da própria Terra, que muda de tempos em tempos sua condição climática.

Estado de exceção e violência policial: da ditadura à atualidade

Susel Oliveira da Rosa

Confira nas *Notícias do Dia* 03-10-2007

Para a professora de história Susel Oliveira da Rosa, as práticas da ditadura militar seguem fazendo parte das práticas das instituições policiais brasileiras atuais. Assim, ela destaca que não acredita na construção de um Estado Soberano.

Trabalho escravo no Brasil: uma realidade cruel

Frei Xavier Plassat

Confira nas *Notícias do Dia* 04-10-2007

Frei Xavier Plassat, coordenador da Campanha contra o Trabalho Escravo da Comissão Pastoral da Terra (CPT), diz que o País está vivendo um momento de desmoralização da fiscalização do trabalho escravo. Ele atribui essas ações à bancada Ruralista no Congresso Nacional e aos setores ligados ao agronegócio.

Concessões de rádio e TV: uma discussão contemporânea

Valério Brittos e Bráulio Ribeiro

Confira nas *Notícias do Dia* 05-10-2007

Na opinião de Valério Brittos, professor de comunicação da Unisinos, não existe uma medida coerente visando uma meta específica, no que diz respeito à liberação de concessões no Brasil. Para melhorar a situação, Bráulio Ribeiro, da Intervozes, adverte para a necessidade de criar conselhos de comunicação social, que regulem as concessões públicas concedidas a TVs e rádios nacionais.

O encontro entre a psicologia e os índios do espaço urbano

Bianca Sordi Stock

Confira nas *Notícias do Dia* 06-10-2007

“A cartografia é mais do que uma metodologia: é uma opção ética por acompanhar os movimentos do desejo,

uma opção estética pela invenção e não pela repetição, e uma opção política por aquilo que potencializa os coletivos.” Esta foi a intenção da psicóloga Bianca Sordi Stock ao desenvolver a pesquisa "Encontros na cidade: a

Psicologia e os índios Kaingáng experimentando possibilidades de vida”.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM PUBLICADOS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

Terra + água = Poder. A transposição do rio São Francisco é exemplo disso

Frei Gilvander Moreira

Confira nas *Notícias do Dia* 01-10-2007

Para Frei Gilvander Moreira, a transposição do Rio São Francisco significa representa a luta pelo poder, disputado pelas grandes construtoras. A entrevista foi publicada em 24-9-2007, na 17ª edição do jornal *O Trabalhador*.

“A vida útil de um cortador de cana é inferior a 15 anos, nível abaixo dos negros em alguns períodos da escravidão”

Maria Aparecida de Moraes Silva

Confira nas *Notícias do Dia* 2-10-2007

Em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, no dia 02-10-2007, a professora Maria Aparecida de Moraes Silva, da Unesp, denuncia as péssimas condições de trabalhos dos cortadores de cana-de-açúcar.

“Não há o que reclamar. Esta entrevista talvez seja a mais calma dos últimos 15 anos”

Antonio Ermírio de Moraes

Confira nas *Notícias do Dia* 02-10-2007

Em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*, no dia 02-10-2007, o presidente do conselho de administração do grupo Votorantim Antonio Ermírio de Moraes disse que não há erros na economia atual.

“Primeiro, atender às necessidades nacionais; depois, à dívida externa”

Rafael Correa

Confira nas *Notícias do Dia* 2-10-2007

Em entrevista ao jornal *The Washington Post*, de Nova York, Rafael Correa, presidente do Equador, disse que a prioridade do governo será atender às necessidades nacionais e só depois, quando as situações financeiras do país permitirem, pensaram em pagar a dívida externa.

Mais água e mais energia. Os turistas e o ambiente
Lionello Punzo

Confira nas *Notícias do Dia* 03-10-2007

Em entrevista ao jornal *La Repubblica*, em 02-10-2007, Lionello Punzo, professor de economia da Universidade de Sena, na Itália, analisa os impactos do turismo no ambiente.

Amor franciscano

Leonardo Boff

Confira nas *Notícias do Dia* 03-10-2007

Para o teólogo Leonardo Boff, Francisco de Assis é o novo, e nós somos o velho.

A farsa do processo religioso contra Jesus segundo
Carlo Maria Martini

Carlo Maria Martini

Confira nas *Notícias do Dia* 03-10-2007

Em artigo publicado no jornal *La Repubblica*, de 29-9-2007, Carlo Maria Martini, cardeal, jesuíta e ex-arcebispo de Milão, analisa como as tradições religiosas podem tornar-se inautênticas.

Economia pós-neoliberal**Marcio Pochmann**Confira nas *Notícias do Dia* 04-10-2007

Para Marcio Pochmann, economista e presidente do Ipea, o País não está condenado à mediocridade. Ele afirma que é necessário reorganizar a economia brasileira. Para ele, isso será possível com a implantação de uma nova geração de empresas estatais.

Lenda Che. Introdução ao mito**Jorge Auliciano**Confira nas *Notícias do Dia* 04-10-2007

O processo de mitificação de Che começou ainda antes da sua morte, afirmou Jorge Auliciano, em artigo publicado no jornal *El País*, em 30-9-2007.

A exclusão é a regra da cibercultura e não a inclusão**Eugenio Trivinho**Confira nas *Notícias do Dia* 05-10-2007

Para Eugenio Trivinho, pensar em inclusão digital, como forma de inclusão social é uma utopia. Ele declarou, em entrevista ao jornal *Valor*, em 4-10-2007, que a inclusão digital só pode ser pensada como meta a ser cumprida no âmbito civilizatório.

Frases da Semana

SÍNTESE DAS FRASES PUBLICADAS DIARIAMENTE NAS NOTÍCIAS DO DIA NO SÍTIO DO IHU.

Favas

“A Vossa Excelência, senhor Presidente, como a mim lastimo enveredar pela ditadura (termo que foi contestado por outros ministros na ocasião), mas, se não tenho alternativa, às favas os escrúpulos de consciência” - **Jarbas Passarinho**, ex-ministro da ditadura militar, recordando a frase por ele pronunciada quando da assinatura do AI-5 - *O Estado de S. Paulo*, 02-10-2007.

Tapa

“É um tapa na cara da opinião pública” - **Cristovam Buarque**, senador pelo PDT-DF, ao comentar a escolha do senador Almeida Lima para relatar os dois processos restantes no Conselho de Ética contra o presidente do Senado, Renan Calheiros - *O Estado de S. Paulo*, 02-10-2007.

Escravo

“Empresas autuadas por explorar trabalhadores em condição análoga à de escravo doaram R\$ 897 mil para 25

candidatos em 2006 (vários do PT, aliás)” - **Clóvis Rossi**, jornalista, comentando dados do site “Congresso em Foco” - *Folha de S. Paulo*, 03-10-2007.

Record x Globo

“Fomos injustiçados por um grupo que mantém o monopólio da informação” - **Edir Macedo**, dono da Record - *O Estado de S. Paulo*, 03-10-2007.

“É de se esperar que um grupo que lucra pela manipulação da fé religiosa queira também manipular a opinião pública, chamando de monopólio a escolha democrática dos brasileiros” - nota da **Rede Globo** - *O Estado de S. Paulo*, 03-10-2007.

Paris

“Paris do Sul é aqui, em Porto Alegre” - **Esther Pillar Grossi**, ex-deputada federal pelo PT-RS - *Zero Hora*, 04-10-2007.

Simon

“Eu até poderia considerar essa possibilidade, mas para quê? Para deixar só essa gente no partido? Um senhor José Sarney (PMDB-AP), que entrou ontem? Um senhor Renan Calheiros, que veio da tropa de choque do (ex-presidente Fernando) Collor? Não vou deixar essa gente sozinha” - **Pedro Simon**, senador - PMDB/RS - derrubado da Comissão de Constituição e Justiça do Senado - Blog de **Ricardo Noblat**, 04-10-2007.

Dilma

“Dilma jura que não é candidata. Mas que parece, parece” - **Eliane Cantanhêde**, jornalista - **Folha de S. Paulo**, 05-10-2007.

Nunca dantes

“Está uma coisa tão repetitiva, Marcelo Déda [PT], esse negócio de que ‘pela primeira vez, nunca antes, nunca dantes’, mas é verdade” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - **O Estado de S. Paulo**, 05-10-2007.

Sonho

“Ele é candidato em Goiás, mas seu sonho mesmo é ser presidente da República. O problema é que o povo odeia banqueiro” - um dos maiores amigos de **Henrique Meirelles**, presidente do Banco Central, pedindo “sigilo da fonte” - **Folha de S. Paulo**, 05-10-2007.

“Se o Lula quiser, elege até poste em 2010. Então por que não o Meirelles, o homem que domou a inflação no Brasil?” - um dos maiores amigos de **Henrique Meirelles**, presidente do Banco Central, pedindo “sigilo da fonte” - **Folha de S. Paulo**, 05-10-2007.

Tropa de elite

“Esse (capitão) Nascimento (do filme *Tropa de Elite*) é um bom profissional, mas tem desvio de personalidade. Não teria espaço na Rota” - **Hermes Bittencourt Cruz**, ex-coronel da Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar, a Rota, e presidente da Associação dos Policiais Militares da Reserva, comentando o filme *Tropa de Elite* - **O Estado de S. Paulo**, 7-10-2007.

“Comigo já aconteceu de pais pedirem para a Rota matar o próprio filho deles” - **Hermes Bittencourt Cruz**, ex-coronel da Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar, a Rota, e presidente da Associação dos Policiais Militares da Reserva, comentando o filme *Tropa de Elite* - **O Estado de S. Paulo**, 07-10-2007.

“O Brasil está vivendo momentos ANTALógicos: fralda com u e Congresso com ç!” - **José Simão**, humorista - **Folha de S. Paulo**, 06-10-2007.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda de eventos

Dia 09-10-2007

O rio, de Tsai Ming Liang (1997) - a terra devastada

Cinema e Saúde Coletiva II - Cuidado e Cuidador: os vários sentidos dessa relação

Prof. Dr. Jorge Castellá Sarriera - Unisinos

Horário: das 8h30min às 12h

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Dia 10-10-2007

III Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XX: o admirável e desafiador mundo das nanotecnologias

Direitos intelectuais, bem comum e nanotecnologias¹

Profa. Dra. Ângela Kretschmann - Unisinos

Horário: das 17h30min às 19h

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Dia 17-10-2007

A mercadoria como espetáculo - Guy Debord²

Ciclo de Estudos Fundamentos Antropológicos da Economia

Profa. Dra. Leda Maria Paulani - USP

Horário: das 19h30min às 22h

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Nanotecnologia: uma nova fronteira³

III Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: o admirável e o desafiador mundo das nanotecnologias

Profa. Dra. Solange Binotto Fagan - UNIFRA

Horário: das 17h30min às 19h

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Dia 20-10-2007

A paixão de Jacobina, de Fábio Barreto⁴

Formação sócio-político-econômico-cultural do Rio Grande do Sul: Olhares da produção audiovisual sobre o Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Marinês Andrea Kunz - FEEVALE e Profa. Dra. Flávia Seligmann - Unisinos

Horário: 8h30min às 12h

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

¹ Confira a entrevista com a professora Ângela Kretschmann nesta edição. (Nota da *IHU On-Line*)

² Confira a entrevista com a professora Leda Paulani nesta edição. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Confira a entrevista com a professora Solange Binotto Fagan nesta edição. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ Sobre o tema, confira nesta edição a entrevista com Daniel Gevehr. (Nota da *IHU On-Line*)

O Direito regulamentará as nanotecnologias?

ENTREVISTA COM ÂNGELA KRETSCHMANN

De acordo com a professora Ângela Kretschmann, não cabe ao Direito limitar o desenvolvimento científico. Mas no caso das nanotecnologias e da nanociência, ressalta a advogada, “os perigos da manipulação em escala atômica tomam uma proporção nunca antes imaginada”. Assim, é necessária a aplicação de princípios gerais do “Direito quanto à responsabilidade civil por danos causados”, explica.

Ângela Kretschmann é mestre em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-Rio) e doutora na mesma área, pela Unisinos, onde atualmente atua como docente. A professora estará presente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, na próxima quarta-feira, dia 10-10-2007, às 17h30min, apresentando a palestra Direitos intelectuais, bem comum e nanotecnologias, parte da programação do III Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: o admirável e o desafiador mundo das nanotecnologias.

Confira essas e outras declarações na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line.

IHU On-Line - Que relação existe entre as nanotecnologias e o Direito?

Ângela Kretschmann - A princípio, a tecnologia e a nanotecnologia não são morais ou imorais em si mesmas. A preocupação que se tem é quanto ao uso que é feito das invenções em geral, e é aí que entra o Direito. A questão é quanto aos riscos que a própria pesquisa pode acarretar ao meio ambiente e ao ser humano. Por isso, é necessária a realização de uma pesquisa conjunta dos impactos gerados pela nanotecnologia. Ao Direito, a princípio, não cabe limitar a ciência e o desenvolvimento científico, mas, no caso da nanociência e da nanotecnologia, os perigos da manipulação em escala atômica tomam uma proporção nunca antes imaginada. Existem, na atualidade, preocupações que dizem respeito a qualquer pesquisa que tenha por objeto o ser humano. A preocupação é, portanto, internacional e visível nas Declarações de Direitos Humanos e Pactos

Internacionais. Talvez devêssemos perguntar o que não interessa ao Direito?

Na realidade, o Direito está presente em todas as relações humanas, e visa a regular essas relações, evoluindo desde tempos imemoriais, onde vigorava a vindicada (vingança privada) para os tempos atuais, onde se estabeleceram sofisticados sistemas de controle jurisdicionais. No mesmo sentido, sendo a nanotecnologia a manipulação de átomos na construção de estruturas microscópicas, sua abrangência é simplesmente ilimitada, afetando todas as áreas, seja na saúde, com uma possível revolução na Medicina, seja na área eletrônica, da Engenharia, da Física, da Química, na área de alimentos: enfim, seria possível, muito provavelmente sem exageros, listar aí todas as áreas do conhecimento. E, então, entram as questões jurídicas envolvendo o mercado consumidor que receberá os benefícios ou

malefícios de produtos nanotecnológicos.

No caso da nanotecnologia, é como se um novo mundo se abrisse diante de nós, ao olharmos para baixo, assim como um mundo novo se abriu quando olhamos para cima, para o espaço. Do mesmo modo, aconteceu algo semelhante quando percebemos que a rede virtual nos trouxe um novo mundo no qual se estabelecem relações que nunca poderíamos imaginar e que necessitam de urgente regulamentação, pois a Constituição Federal determina que não há crime sem lei anterior que o previna, no caso da internet. Certamente, em casos envolvendo resultados de aplicações nanotecnológicas, será necessário, no campo penal, adequar as atuais leis e verificar a necessidade de leis novas para o caso de novas formas de ações que possam ser consideradas danosas ao ser humano ou ao meio ambiente. Ao mesmo tempo, ao Direito não interessa restringir pesquisas e seus resultados que possam ser extremamente benéficos ao ser humano, ao bem comum, ao meio ambiente, bem pelo contrário. Como se destaca com a Lei de Incentivo e a Lei de Propriedade Industrial.

IHU On-Line - Pesquisadores advertem para a prevenção e controle do aparecimento de focos de infecções e de intoxicações, originadas pelos produtos de Nanotecnologia, como também para os possíveis riscos que esses podem causar ao meio ambiente. Nesse sentido, as mudanças ocasionadas pelas nanotecnologias influenciaram nas leis atuais?

Ângela Kretschmann - As mudanças ocasionadas pelas nanotecnologias podem afetar a interpretação que é dada às leis atuais, assim como impõem a necessidade de novas leis que não apenas previnam danos como incentivem a pesquisa e possibilitem o acesso das pessoas a produtos nanotecnológicos, em especial aqueles destinados à saúde.

A questão está vinculada diretamente com as conseqüências da pesquisa em nanotecnologias sobre o

mundo em que vivemos. E é de se ter em mente que os impactos ainda não são completamente conhecidos. As pessoas devem se beneficiar do resultado das pesquisas de forma segura. O problema é que a análise dos riscos está no seu começo, e nem se pode afirmar que terá um meio ou um fim, pela natureza da pesquisa em si. E o Brasil já deu exemplos de situações em que as coisas ficaram incompletas, como no caso dos alimentos transgênicos. A moda é o consumo de alimentos com base em soja, mas o que é soja transgênica? Quais são os impactos disso para a saúde? Se os impactos à saúde são desconhecidos, e a indústria deseja crescer, autoriza-se o plantio. Nesse caso, a lentidão do direito e das casas legislativas perderam para a urgência do interesse econômico.

As advertências estão aí. A máquina legislativa, entretanto, está doente. É possível dizer que, em termos de legislação, envolvendo nanotecnologias, o Brasil está apenas acordando para o problema. Infelizmente, a situação política vivida pelo Brasil, com o atravancamento das pautas de votação em função de incontáveis CPIs e interesses privados de políticos (que deveriam pensar, pela função que exercem, no interesse público), acaba resultando um lamentável atraso brasileiro na legislação, não apenas para nanotecnologia, mas para tudo. Observe-se a situação ridícula da Lei de Informática, sempre “prestes a ser” votada (há anos). Enquanto isso, precisamos ler nos jornais diariamente as confusões de políticos que monopolizam a mídia com situações esdrúxulas, e ainda a própria incapacidade jurídico-legislativa daqueles que foram eleitos para votar leis que têm como temas assuntos que muitos nem sequer têm idéia do que possa significar. Teve um que não sabia explicar nem o que era CPMF, outra discussão que tem monopolizado o legislativo federal. Estudos de comissões especiais poderão suprir a falta de conhecimento dos legisladores, mas para privilegiar quais interesses? A comunidade científica deve prestar atenção

ao momento que se vive, discussão e votação das leis.

Nesse sentido, a Lei de Inovação Tecnológica permite que se pense alternativas para incentivar as pesquisas e, ao mesmo tempo, motivar empresas, aproximando a pesquisa, elaborada nas Universidades, das empresas, visando ao incremento da produção nacional e ao crescimento econômico-social como um todo. Se já existem pesquisas em nanotecnologia no Brasil, e elas de fato existem, devem-se criar condições para que elas resultem em produtividade e riqueza. As leis, nesse aspecto, devem levar em conta a realidade internacional, para que o Brasil não seja prejudicado com regulamentações internacionais que envolvam normas ambientais, de direito do consumidor, de segurança do meio ambiente etc., para evitar que quaisquer diferenças nas regulamentações acabem prejudicando a indústria nacional (que pode desejar exportar) e o povo brasileiro (que pode desejar importar).

IHU On-Line - Qual será a participação e o papel do Direito nessas mudanças geradas pela nanotecnologia?

Ângela Kretschmann - O papel do Direito é o de regulador das relações de interesses sempre conflitantes. Eu diria que precisamos perguntar qual o papel de cada um de nós nesse contexto. A Universidade precisa promover o diálogo entre as áreas, possibilitando que o encontro, como o que é promovido agora, resulte em dados concretos que auxiliem no tratamento e organização das questões fundamentais, incentivando a pesquisa e regulamentando o comércio e uso do resultado dela, a fim de alcançar o máximo benefício, com o máximo de segurança e o menor dano possível em relação ao uso das nanotecnologias. Algumas pesquisas já advertem para o potencial danoso de propriedades singulares de produtos tecnológicos, e nesse aspecto uma legislação seria pertinente, inclusive limitando a pesquisa, para que produtos baseados em nanotecnologia

não prejudiquem àqueles a quem se destinam, os eventuais consumidores.

A tendência inicial é sempre bloquear o uso de materiais quando os riscos não são completamente claros, o que acaba sendo um discurso vazio, na medida em que a pesquisa nunca tem prazo final para encerrar, que pudesse permitir uma avaliação conclusiva acerca dos riscos. Nesse sentido, é necessária a aplicação de princípios gerais do Direito quanto à responsabilidade civil por danos causados, seja em produtos eletrônicos, para diversão ou para a saúde, alimentos ou a responsabilidade do produtor, no caso de Direito do Consumidor, entre outras. Mas, no caso da nanotecnologia, ressalta-se o perigo que algumas partículas podem revelar, de modo que há uma preocupação maior em regular a questão. Assim, se a regulamentação da pesquisa pode constituir um entrave para a mesma, algumas vozes ressaltam que sua não regulação poderá significar um prejuízo ainda maior (ao ter a possibilidade de afetar a saúde pública e o meio ambiente em escala nunca conhecida e assim afetar a própria indústria nanotecnológica).

IHU On-Line - As normas vigentes permitem regular muitas aplicações das nanotecnologias? Elas são suficientes e convenientes para a sociedade ou terão de serem revistas ao longo do tempo?

Ângela Kretschmann - A cada vez que se enfrenta um tema novo, surge a discussão sobre a necessidade de uma legislação específica, e o impacto da nanotecnologia, que pode significar o surgimento de uma civilização nanotecnológica, seria suficiente para algumas vezes defenderem uma verdadeira revolução legislativa. De todo modo, as leis sempre são produto do tempo, e destinadas às pessoas daquele tempo específico. Não acredito que o excesso de regulamentação traga algum benefício, além da tendência de limitar e atrasar a pesquisa, mas deve-se ter em conta que peculiaridades

podem de fato tornar necessário o incremento de lei ou a ampliação da interpretação em alguns casos. Na esfera penal, sabemos que deve existir a previsão legal de forma clara, para que algum crime na área possa ser assim considerado. Já na esfera cível, as leis existentes poderiam muito bem ser aplicadas sem maiores dificuldades, seja quanto ao direito ambiental, seja quanto ao direito do consumidor, e órgãos de vigilância sanitária, fármacos, de consumo e de informações.

Uma legislação importante no setor, existente, é a Lei de Propriedade Industrial, que permite ao pesquisador ou empresa pesquisadora registrar uma patente de invenção relativa à nanotecnologia, detendo assim, os direitos de exploração sobre sua criação pelo prazo de 20 anos, conforme determinado em Lei. Nesse caso, países como Japão e Estados Unidos, assim como a União Européia, saem na frente, com um número de registros invejável, enquanto o Brasil, apesar de já possuir pedidos de patentes na área, ainda é bastante limitado. É uma legislação importante e fundamental que regula, de modo abrangente, os resultados da criação intelectual e que interessa, sobretudo para o crescimento econômico, e, junto com a Lei de Inovação Tecnológica, poderá alavancar a economia brasileira.

O Núcleo de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (Cadernos NAE, ed. Especial de maio/2007, ISSN 1806-8588) fala sobre o potencial da nanotecnologia mundial (um mercado que poderá chegar em 2012 a 2,6 trilhões de dólares, com participação de 26 bilhões pelo Brasil, cerca de 1%) e destaca que o Brasil já dispõe de boas condições para sobressair-se no cenário internacional de nanoproductos. O documento ressalta que, para isso, precisa cuidar de uma regulamentação para a atividade nanotecnológica, alcançar uma maior interação das empresas com os centros de pesquisa e de linhas especiais de crédito (via BNDES) para empresas comprometidas com estudos de nanotecnologia. Os

setores mais citados para a aplicação da nanotecnologia são os de fármacos, energia, biomédica e eletrônica. A urgência da regulamentação estaria em marcos ambientais, de segurança dos trabalhadores, de segurança dos consumidores e privacidade no caso da saúde.

IHU On-Line - Como o Direito percebe a questão da escolha pelo consumidor, que tem o direito de escolher produtos que contenham nano partículas ou não?

Ângela Kretschmann - Não creio que o consumidor esteja preparado para a escolha entre produtos que contenham nano partículas ou que não as contenham. Ele sequer está preparado para o consumo de outros produtos. A questão é que produtos, envolvendo nanotecnologia em geral, estarão envolvendo cosméticos, tecidos mais resistentes, filtros de proteção solar com maior resistência e duração, marca-passos e remédios, incluindo remédios contra vários tipos de câncer. Já sabemos que em se tratando de saúde, e de câncer, o consumidor/paciente não tem muita chance de escolha.

A real capacidade de percepção do consumidor como sujeito de fazer e elaborar suas próprias escolhas só será realmente alcançada quando as agências reguladoras de propaganda e marketing colocarem maiores limites na mídia, que violenta telespectadores com desejos de consumo inexistentes, destruindo a autonomia do sujeito, que em geral não sabe mais por que adquiriu determinado produto. E ele o adquiriu pensando que seria feliz, pois a mídia constrói, na atualidade, o conceito de felicidade vinculado ao consumo - e não à necessidade.

Lula. “Um governo muito amigo do capital produtivo e financeiro”

ENTREVISTA COM LEDA PAULANI

O crescimento econômico do Brasil, embora pequeno, é consequência do crescimento mundial, e não mérito do governo. A opinião é da economista Leda Paulani, expressada em entrevista à IHU On-Line, por telefone.

Ao analisar a política econômica atual, a pesquisadora afirma que o PAC nada mais é do que marketing político, que não garantirá um crescimento sustentável. Sobre o modelo de crescimento econômico, que não demonstra preocupações com o meio ambiente tampouco com os trabalhadores, ela diz que ele é contraditório e trará dificuldades para os próximos governos.

Leda Paulani é doutora em Teoria Econômica pelo Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, ela é docente da mesma universidade e presidente da Sociedade Brasileira de Economia Política.

A professora estará presente na Unisinos, participando do Ciclo de Estudos Fundamentos Antropológicos da Economia, no qual ela apresentará o pensamento de Guy Debord (1931-1994), com a palestra A mercadoria como espetáculo. O evento está marcado para 19h30min, no 17-10-2007, na sala 1G119. Leda Paulani já contribuiu no Caderno IHU Idéias número 41, sob o título A (anti) filosofia de Karl Marx. Além disso, concedeu a entrevista Lula. “Um governo muito amigo do capital produtivo e financeiro”, publicada em 07 de outubro de 2007 no sítio do IHU. O conteúdo está disponível em www.unisinos.br/ihu.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O Brasil tem conseguido recuperar a trajetória de crescimento que teve entre 1930 e 1980? O Lula tem conseguido melhorar a economia do País?

Leda Paulani - Com relação à trajetória de crescimento, isso depende muito do que está acontecendo com a economia mundial. A economia brasileira não é uma das maiores do mundo, mas, de qualquer maneira, não é tão pequena que não seja influenciada pelas questões que estão acontecendo no contexto mundial. Então, esse tipo de análise fica mais correto quando a gente compara a performance de uma

determinada economia com o que está acontecendo no resto do mundo. O professor **Reinaldo Gonçalves**¹, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tem trabalhado nessa direção.

¹ Reinaldo Gonçalves já concedeu diversas entrevistas ao sítio do IHU. Entre elas estão: “O país só tem competitividade em produtos agrícolas e minerais” publicada em 11 de setembro de 2007; “O conteúdo da política social do Governo Lula é o mesmo do Governo FHC”, publicada em 01 de agosto de 2007; Política cambial. ‘Essa é a anomalia do Governo Lula’, de 12 de julho de 2007; e “O limite do PAC é a política macroeconômica”, de 06 de fevereiro de 2007. O conteúdo está disponível em www.unisinos.br/ihu. (Nota da IHU On-Line)

Eu diria que a tendência dada ao crescimento explosivo da economia mundial é de que cresçamos mais do que já crescemos até agora. Mas isso não quer dizer que nós tenhamos retomado o processo de crescimento.

IHU On-Line - Por que não?

Leda Paulani - Em primeiro lugar, estamos crescendo porque o mundo inteiro está crescendo: é uma consequência do que está acontecendo na economia mundial. Assim, não se trata de algo que foi deliberadamente pensado e planejado pela nação brasileira. No nosso caso, particularmente, temos uma economia beneficiada, porque nós exportamos os bens que hoje estão com os preços em alta. E isso nos beneficiou do ponto de vista do equilíbrio externo.

A economia comandada por Lula

É muito complicado dizer até que ponto o Governo Lula está efetivamente melhorando a economia do País, em termos absolutos. O que é necessário considerar, é que o Governo Lula foi muito sortudo se comparado com o Governo Fernando Henrique Cardoso.

Não estou defendendo o Fernando Henrique, mas a questão é que esse período de 1995 até 2002 foi bastante conturbado na economia mundial. Na época, ocorreram cinco ou seis crises financeiras cavalares, e a economia norte-mericana também passou por várias crises na bolsa de valores. O Brasil sofreu todos os reveses desse cenário conturbado da economia mundial, que começou a serenar e ficar mais tranqüila, retomando um crescimento forte que não tinha há 30 anos, justamente a partir de 2002. Quer dizer, o Fernando Henrique governou num período bastante crítico. E o Lula, ao contrário, passou a governar não só num período de “céu de brigadeiro”, em que não havia nenhuma nuvem no horizonte, mas num período de cinco anos, em que a economia mundial estava muito serena e crescente, impulsionada pela China e pela própria economia norte-

americana. Então, isso criou um cenário favorável a uma economia como a brasileira. As complicações só começaram nos últimos meses com a ameaça do setor imobiliário dos Estados Unidos. Assim, quando se pensa em tudo que o Lula fez ou deixou de fazer, é necessário levar em consideração esse contexto no qual a economia brasileira está se movendo.

IHU On-Line - A proposta do PAC é suficiente para o crescimento econômico? Em que medida o programa ajudará no desenvolvimento do País?

Leda Paulani - O PAC é muito mais um marketing político do governo do que um programa para auxiliar no crescimento. Afirmo isso porque, em primeiro lugar, todas essas ações que estão dentro do PAC já existiam antes, só não estavam reunidas sob o mesmo nome. Em segundo lugar, nas áreas de infra-estrutura, os recursos são muito pequenos comparativamente ao que deveria existir. Então, não dá para comparar o PAC com o Plano de Metas, de Juscelino, por exemplo, pois o programa está muito longe de ter uma dimensão como esta.

Eu até escrevi um artigo¹ sobre essa discussão, avaliando a declaração da Ministra Dilma Rousseff, que disse que o programa injetava dinheiro público direto na veia. Ela quis dizer que era uma injeção de demanda agregada na economia e que isso iria puxar o crescimento. Só que isso está errado, porque não importa se o dinheiro é público ou privado. Ele sempre terá o mesmo efeito. O que faz a diferença, nesse caso, é que é uma demanda direta na veia. O fato do governo se dispor a gastar vários bilhões em infra-estrutura significa um aumento direto de demanda no sistema econômico como um todo. Mas não dá para dizer que o PAC vai garantir as condições para o crescimento sustentável posterior.

¹ O artigo “A miopia do PAC” foi publicado pelo sítio do IHU, e está disponível nas *Notícias do Dia* 10-2-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Como a senhora avalia a obsessão pelo crescimento econômico, que ultrapassa as questões ecológicas e sociais?

Leda Paulani - Esse é um dos grandes nós do problema, mas não é apenas no Brasil que isso ocorre. Essa é uma discussão mundial. De fato, um dos entraves maiores do crescimento é a questão dos recursos naturais. Por isso, o termo do desenvolvimento sustentável, hoje, tem tanto sentido. Mas o que existe é um modelo contraditório, porque, de um lado, é necessário fazer a economia crescer, porque sem o crescimento não tem como recuperar empregos. Mas, de outro lado, há uma limitação dada pela questão ecológica. Então, todo esse crescimento tem que ser feito com muito cuidado. Por isso, essa não é uma questão fácil para nenhum governo. Eu tenho a impressão que esse tipo de discussão vai ganhar uma importância cada vez maior. Assim, os próximos governos vão enfrentar esse dilema de um modo ainda mais marcado, do que o Governo Lula.

No que diz respeito ao consumo e à energia brasileira, eu diria que o País ainda é privilegiado, pois nós temos o combustível mais barato para produzir energia, que é a água. Agora, para que esse diferencial que nós temos em relação a outros países se transforme numa possibilidade de crescimento mais saudável, sem problemas ecológicos, precisaria recuperar algumas funções do Estado. O discurso neoliberal acabou esterilizando um papel fundamental que o Estado tem, e que nessas circunstâncias se tornam ainda mais importantes.

Hoje em dia, sabemos que boa parte das empresas se livram dos direitos trabalhistas contratando os próprios empregados como pessoas jurídicas. Então, todo mundo vira empregado de si mesmo. De modo que a própria importância de uma atividade como a de fiscalização do Ministério do Trabalho, vai se reduzindo e aí se abre espaço para todos os tipos de exploração selvagem do trabalho. Como exemplos, temos os porões de bolivianos em São Paulo, nas oficinas de jeans, e no interior, as

carvoarias, por exemplo. Criou-se um contexto em que, ao invés de se valorizar o papel do Estado e a importância dos direitos do trabalho, se desvalorizou isso tudo.

IHU On-Line - O que a senhora pensa da proposta de desenvolvimento do ministro Roberto Mangabeira Unger, que afirma que o País precisa incentivar os empreendimentos da classe média e pesquisas universitárias ao invés de continuar investindo na política industrial?

Leda Paulani - Uma coisa não exclui a outra. Para mim, essa idéia é simpática. É possível tirar o foco do grande capital, porque ele tem todas as condições de se manter, transferindo, então, o foco para os negócios de médio e pequeno porte. Mas com isso não estará se deixando de fazer política industrial, porque é possível, mesmo com o foco nesse capital médio e pequeno, privilegiar alguns setores em detrimento de outros e fazer política industrial, também com esse capital.

IHU On-Line - Com o avanço da plantação de eucaliptos, a monocultura de alguns commodities poderá se tornar um problema para o País, gerando aumento no preço dos alimentos, por exemplo? Como a senhora percebe esse processo?

Leda Paulani - Se analisarmos a história da economia brasileira, perceberemos que essa situação pode ser classificada como “um andar para trás”, pois nós já vivemos de monocultura por 400 anos. Foram mudando as culturas, mas nessa era da monocultura, começamos com o açúcar e acabamos com o café. É sempre muito arriscado apostar todas as fichas numa única coisa. Uma economia do tamanho da nossa, com um território enorme e com os recursos naturais que tem, ao optar por esse caminho, direciona o País para ser vulnerável a qualquer crise.

Até os anos 1930 do século XX, a economia brasileira

viveu ao sabor do que acontecia externamente, justamente, porque era uma economia baseada na monocultura, com uma indústria muito frágil. Depois, entre 1930 a 1980, diversificou-se o setor agrícola e construiu-se o setor industrial. O Brasil é um dos poucos países da América Latina que construiu toda a matriz industrial (do carro, do aço, da energia elétrica, do petroquímico, da borracha, da telefonia). E, com isso, o País ganhou autonomia e espaço de execução de políticas. No entanto, hoje temos elementos que caracterizam a volta do País para a agricultura, pois a taxa de câmbio está super valorizada, inviabilizando alguns setores de crescer. Então, o Brasil foi caminhando no sentido contrário, no sentido da não diversificação, tanto no que diz respeito ao mercado interno quanto ao externo. Isso é muito perigoso do ponto de vista do equilíbrio externo, e pode gerar conseqüências, não só como a elevação dos preços dos alimentos, como o avanço da doença holandesa, que vai atingir o País em cheio.

IHU On-Line - Antônio Ermírio de Moraes, do grupo Votorantim, declarou na última semana que “não há o que reclamar”. Com essa frase, é possível constatar que nunca um governo ajudou e apoiou tantos os empresários como o atual?

Leda Paulani - Não sei se essa afirmação cabe a todos os empresários. Mas eu diria que o **Governo Lula** não comprou nenhuma briga com o grande capital. Em todas as discussões, ele acabou ficando do lado deles, e fez uma política econômica que claramente beneficiou os interesses do sistema financeiro. Então, realmente, a despeito do Bolsa Família, foi um governo muito amigo do capital produtivo e financeiro.

IHU On-Line - Na década de 1960, Guy Debord dizia que vivíamos numa sociedade do espetáculo. Assim,

percebe-se que a mercadoria ocupou o centro da vida social. Será possível mudar esse ciclo?

Leda Paulani - Eu diria que a mercadoria nunca foi tanto o centro da vida social como é hoje. **Guy Debord**¹ teve uma premonição, pois ninguém deslumbrava, desde longe, que os rumos de capitalismo, até então controlado e interferido pelo Estado, tomariam as direções atuais.

Se analisarmos a história do capitalismo em diferentes espaços do planeta, isso é uma coisa que oscila. Em alguns momentos o Estado está muito mais presente, planejando ou interferindo, e em outros momentos ele está mais ausente. Agora, o capitalismo é uma economia de mercado. Assim, o mercado é a grande instância reguladora da produção material. Com mais ou menos intervenção do Estado, o mercado é a instância mais importante.

Guy Debord é muito pessimista. Até onde eu consigo entender, ele não vislumbra muito espaço para uma reversão. Então, trabalhos como o dele nos servem mais como um alerta do que como uma agenda de soluções.

IHU On-Line - Qual seria o projeto de desenvolvimento ideal para o crescimento econômico do País, mas que ao mesmo tempo garantisse uma distribuição de renda equilibrada entre os trabalhadores?

Leda Paulani - Dada a situação tal como ela está agora, com essa desigualdade de renda e de riqueza, já que a desigualdade de riqueza é maior que a de renda, qualquer modelo que se faça não será ideal, ou estará muito longe do ideal, porque esse não é um quadro que se reverte rapidamente. O que podemos fazer é, havendo espaço e vontade política, tomar providências para que o

¹ **Guy Debord (1931-1994)**: filósofo e sociólogo francês, autor de *A sociedade do espetáculo - Comentários sobre a sociedade do espetáculo* (Rio de Janeiro: Contraponto, 1997) e fundador da Internacional Situacionista (IS). Sobre ele, confira ainda a autobiografia *Panegyrique* (Éditions Gérard Lebovici, Paris, 1989). (Nota da **IHU On-Line**)

desenvolvimento não só aconteça, mas aconteça de um modo a reduzir essas desigualdades ao invés de aprofundá-las. Na época do governo militar, por exemplo, em que se teve um crescimento enorme, o chamado 'milagre brasileiro', não houve nenhuma preocupação com a questão distributiva. Então, acabou se criando uma concentração de crescimento, mas isso não significou uma redução da desigualdade, pelo contrário.

Não existem receitas prontas. Mas não é com uma política como a que fez o Governo Lula que vamos conseguir mudanças. É só comparar o que se gasta com o Bolsa Família e com o pagamento de juros. Um número é dez maior que o outro. Quer dizer, com um número se beneficiam 11 milhões de famílias, 45 milhões de pessoas, e com um outro número, se beneficia um conjunto da população que está muito longe de 44

milhões. Um estudo do Marcio Pochmann¹, presidente do Ipea, mostra que 80% da dívida pública brasileira está na mão de 20 mil pessoas. Eu tenho certeza que esse tipo de política que o Governo Lula faz é uma política que concentra cavalaramente a renda, além de contribuir para que a riqueza continue concentrada. Se ainda não se sabe o que fazer, se sabe o que não fazer, mas o governo ignorou qualquer mudança. Há algumas coisas básicas que qualquer estudante de economia do segundo ano sabe, e que poderiam ter sido evitadas no governo, e não foram.

¹ Sobre Marcio Pochmann já foram publicados no sítio do IHU os seguintes artigos: "A alta lucratividade dos bancos é uma anomalia", do dia 11 de agosto de 2007; "Sinais de esclerose econômica, de 14 de junho de 2007"; e "Paradoxo sindical", de 17 de maio de 2007. Os artigos estão disponíveis em www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

O impacto da evolução científica para a sociedade

ENTREVISTA COM SOLANGE BINOTTO FAGAN

*“A nanotecnologia busca quebrar paradigmas em todos os ramos da sociedade”, afirmou Solange Binotto Fagan, professora do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), de Santa Maria (RS), em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Para ela, as nanotecnologias promoverão inúmeras mudanças, as quais poderão gerar impactos na vida em sociedade. Para ilustrar a afirmativa, Solange cita o exemplo de novos materiais como “roupas e tecidos com poder bactericida e fungicidas, carros com reforços mais leves em sua estrutura, mas por outro lado super resistentes”. Além disso, a pesquisadora comenta que a utilização de nanopartículas podem contribuir para a remoção dos gases tóxicos. Assim, ela explica que “todas as áreas serão alteradas, de alguma forma, pela nanotecnologia”. No entanto, ela destaca que os estudos sobre o tema precisam ser ampliados para não causar problemas ao ser humano e o ao meio ambiente. “Ao mesmo tempo em que nos sentimos extasiados com os possíveis impactos da nanotecnologia.” Solange Binotto Fagan é graduada, mestre e doutora em Física pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Atualmente, a professora coordena o Centro de Mestrado em Nanociências do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), em Santa Maria (RS). Solange também é revisora dos periódicos internacionais *Physical Review B*, *Chemical Physics Letters*, *Journal of Physical Chemistry B* e *Nanotechnology*.*

***IHU On-Line* - Quais os maiores avanços e os principais desafios da nanotecnologia hoje?**

Solange Binotto Fagan - A nanotecnologia envolve o controle e a manipulação da matéria em escala atômica e molecular. Desta forma, um dos maiores desafios é obter um controle rígido sobre os nanomateriais produzidos para aplicações de alto desempenho. Também se busca conhecer inúmeros novos materiais, pois se acredita que o potencial da nanotecnologia está explorado, ainda de forma muito precoce e, muitos materiais ainda serão conhecidos ou desenvolvidos para um fim específico de aplicação, o que é um dos principais objetivos da nanotecnologia.

***IHU On-Line* - Quais são as principais contribuições da nanotecnologia para a física e para a ciência?**

Solange Binotto Fagan - Na realidade, a nanotecnologia é uma consequência de leis físicas, como a Mecânica Quântica, a qual explica o comportamento da matéria em escala nanométrica, assim como a química que estuda a relação entre átomos e moléculas e a biologia que faz a aplicação destas estruturas na vida de um ser vivo. Portanto, a nanotecnologia é uma aplicação de estudos multidisciplinares na escala nanométrica e observa-se que nesta escala fenômenos físicos, químicos e biológicos convergem para um único objetivo: a manipulação destas nanoestruturas. Então, esforços multidisciplinares estão sendo realizados para que a nanociência alcance frutíferas aplicações tecnológicas nas áreas de engenharias, medicina, computação etc.

***IHU On-Line* - Que tipo de fronteiras a nanotecnologia ultrapassa?**

Solange Binotto Fagan - A nanotecnologia não busca somente aprimorar técnicas e equipamentos que já existem, mas busca quebrar paradigmas em todos os ramos da sociedade. Por exemplo, tecidos que são

produzidos com nanopartículas agregadas que podem ser fungicidas, bactericidas e auto-limpantes. Estes materiais são muito interessantes para a aplicação no dia-a-dia das pessoas. Por outro lado, devemos lembrar o número de pessoas que dependem da cultura do algodão para sobreviver, principalmente localizados em países do terceiro mundo, e que poderão sofrer consequências drásticas. Este fato mostra a diversidade de fronteira científica, tecnológica, humanística, cultura e política que a nanotecnologia está impondo com esta nova revolução científica que está chegando.

***IHU On-Line* - Em que medida as nanotecnologias impactam em nossa vida em sociedade? O que mais muda?**

Solange Binotto Fagan - Existem inúmeras mudanças que são previstas e podem ter um grande impacto da nossa vida em sociedade, por exemplo novos materiais como roupas e tecidos com poder bactericida e fungicidas, carros com reforços mais leves em sua estrutura, mas, por outro lado, super resistentes; impactos na prevenção, detecção e cura de doenças, por meio do uso de fármacos agregados em nanoveículos, cosméticos com alto poder de absorção, órgão e músculos artificiais; energias mais limpas e uso de nanopartículas para remoção de gases tóxicos. Enfim, costuma-se dizer que todas as áreas serão alteradas, de alguma forma, pela nanotecnologia e que muitas das aplicações ainda nem somos capazes de vislumbrar.

***IHU On-Line* - Como o ser humano passa a se ver a partir das nanotecnologias em sua vida?**

Solange Binotto Fagan - É um pouco assustador eu confesso. Repentinamente, estamos em frente a uma nova tecnologia que pode mudar a nossa forma de viver e de nos relacionar na sociedade de forma radical. O ser humano sempre busca julgar os aspectos positivos, bem

como os negativos de qualquer inovação. Na nanotecnologia não é diferente. Do mesmo modo que sabemos que a nanotecnologia já vem demonstrando ótimos resultados para curas de doenças, novos materiais que já estão à nossa disposição como tecidos e vidros auto-limpantes, aparelhos eletrodomésticos com nanoestruturas e os impactos ainda almejados. Temos também o medo relacionado ao uso desta tecnologia para desestabilizar o meio ambiente, criar problemas com o ser humano, assim como para saber o impacto do uso da nanotecnologia na nossa vida. Portanto, ao mesmo tempo em que nos sentimos extasiados com os possíveis impactos da nanotecnologia, também nos sentimos

inquietados com o que pode ser gerado com o mau uso desta.

Pesquisas

Gostaria de frisar que a nanotecnologia está apenas na infância e que para ela seja plenamente usada para o bem da vida das pessoas devemos, nós pesquisadores, realizar trabalhos sérios para possibilitar o seu uso correto do ponto de vista científico e tecnológico. Os pesquisadores do Brasil e do Mundo ligados a esta área devem ter consciência do poder científico que têm em suas mãos, o que está levando a uma nova revolução científica e tecnológica em nossa sociedade.

Jacobina: eternizada pela população de Sapiranga, no Vale dos Sinos

ENTREVISTA COM DANIEL GEVEHR

Jacobina sempre despertou comentários, sentimentos e curiosidades à população de Sapiranga. A família Mucker se tornou um mito na localidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, sendo alvo das mais variadas interpretações. Em alguns locais da cidade, a memória de Jacobina permanece viva. De acordo com Daniel Gevehr, doutor em História pela Unisinos, tanto os monumentos quanto a nomeação de lugares da localidade associadas ao passado dos Mucker “podem ser entendidos como uma necessidade que essa comunidade teve (e ainda tem) de ressignificar os Mucker de acordo com os interesses de cada época e contexto”, explica. Para ele, a construção do imaginário da população local se deu “através de uma ampla teia de processos de significações, que tem na historiografia, na literatura, na imprensa, no cinema e na arte”.

Daniel Gevehr é graduado, mestre e doutor em História, pela Unisinos. Ele produziu a tese intitulada “Pelos caminhos de Jacobina: memórias e sentimentos (re)significados”. A tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em História da Unisinos foi defendida no dia 21 de setembro de 2007. No dia 20-10-2007, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU exibirá o filme A paixão de Jacobina, de Fábio Barreto, que faz parte da programação do evento Formação sócio-político-econômica-cultural do Rio Grande do Sul: Olhares da produção audiovisual sobre o Rio Grande do Sul. Para debater sobre o tema, estarão presentes as Profa. Dra. Marines Kunz, da Feevale, e a Profa. Dra. Flávia Seligmann, da Unisinos. O encontro está marcado para as 8h30min, na sala 1G119.

IHU On-Line - Como o senhor define Jacobina?

Daniel Gevehr - Primeiramente, acredito que não possamos definir Jacobina, mas sim buscar compreender como a líder dos Mucker¹ foi representada em diferentes momentos, desde o período do conflito, que teve seu desfecho em 1874, até os dias atuais. Ao longo desse período, percebemos que Jacobina² foi inicialmente representada como alguém cujas características morais estavam associadas ao fanatismo religioso e aos acontecimentos que levaram à criação de dois grupos na Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo³: de um lado, estavam os Mucker, liderados por Jacobina, e do outro estavam seus combatentes, representados principalmente pela Igreja e pelas autoridades policiais da época. Nesse sentido, Jacobina teve sua imagem denegrida até praticamente meados do século XX, quando se inicia uma nova fase de estudos sobre o tema, a partir dos quais surgem novas obras que procuram discutir o conflito e também o papel desempenhado por ela nesse contexto. Foi principalmente na passagem do século XX para o século XXI que Jacobina tomou posição de destaque nessa história, quando o cinema a reapresenta ao público (ainda que de forma ficcional). Foi também nesse momento que Jacobina foi ressignificada pela própria comunidade sapiranguense (local onde ocorreu o conflito), que tomou a personagem como ícone de desenvolvimento do turismo histórico-

¹ **Muckers**: grupo de imigrantes alemães envolvidos em um movimento messiânico liderado por Jacobina Mentz Maurer e seu marido, João Maurer. A expressão mucker, em alemão, significa falso santo em português. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Jacobina Mentz Maurer**: Líder de uma seita messiânica, na qual há uma crença na vinda de um enviado divino, libertador. Desde criança, Jacobina entrava em momentos de transe e conseguia diagnosticar doenças, além de apresentar-se como a própria encarnação de Cristo. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Naquela época, a cidade de Sapiranga, com o nome de Padre Eterno, pertencia ao município de São Leopoldo. (Nota da *IHU On-Line*)

cultural, o que se tornou evidente através da criação do roteiro turístico *Caminhos de Jacobina*.

IHU On-Line - Como se deu a construção do mito de Jacobina e da Família Mucker? Que razões apontam para a sua preservação no imaginário da população local?

Daniel Gevehr - A construção do mito Jacobina se deu - e ainda se dá - através de uma ampla teia de processos de significações, que tem na historiografia, na literatura, na imprensa, no cinema e na arte, seus veículos de difusão. Tanto os Mucker quanto sua líder Jacobina foram alvos de múltiplas interpretações, que tiveram esses veículos como meios de difusão de idéias e ideologias que, por sua vez, acabaram contribuindo para a construção dos imaginários sociais sobre os Mucker. Através da análise desses diferentes meios de difusão se torna perceptível como, desde o final do século XIX até os dias atuais, a imagem dos Mucker passou por diversas transformações. Se, num primeiro momento, esses foram representados como fanáticos e culpados pelo conflito, aos poucos a sua imagem foi sendo cada vez mais associada à posição de vítimas das circunstâncias e da incompreensão da sociedade de seu tempo. No entanto, a revitalização do mito Jacobina se deu principalmente no início desse século, quando o cinema a coloca como personagem de destaque nas telas das salas dos cinemas brasileiros. A partir de então, Jacobina se torna uma personagem de visão nacional, e não apenas regional, como fora até então.

IHU On-Line - Por um longo período, a população da cidade tinha aversão aos Mucker. Como essa concepção foi construída e que fatos contribuíram para que mudasse ao longo do tempo? A imprensa da época foi a grande causadora da distorção dos Mucker?

Daniel Gevehr - Vários elementos contribuíram para a

transformação da “visão” que os sapiranguenses tinham dos Mucker. Num primeiro momento, temos que destacar a repercussão da obra *O episódio do Ferrabraz*¹, de autoria de Leopoldo Petry², e publicada em 1957. Através de sua obra, o autor procurou rediscutir o conflito, apresentando os Mucker de forma bastante diferente - e não detratora -, como se tinha até então na obra publicada pelo padre jesuíta Ambrósio Schupp³ no início do século XX⁴. Já na década de 1970, a historiadora Janaína Amado⁵ lançou uma obra que deu um novo panorama sobre o tema, procurando rediscutir os diferentes fatores envolvidos no conflito. Daí em diante, aparecem vários outros estudos, que, em grande medida, contribuíram para a mudança da imagem que a comunidade tinha dos Mucker.

IHU On-Line - De que maneira os lugares que lembram a memória de Jacobina (a estátua de Genuíno Sampaio⁶, a Cruz de Jacobina⁷ e o cemitério no Bairro

¹ *O episódio do Ferrabraz*. Casa Editôra Rotermond: São Leopoldo, 1957. 212 p. (Nota da *IHU On-Line*)

² Leopoldo Petry: Escritor. Também é autor de *O município de Novo Hamburgo*. Rotermond. 1959 180 páginas. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Ambrósio Schupp (1840-1914): Padre jesuíta nascido na Alemanha. Veio para o Brasil em 1874. Foi professor, historiador, naturalista e teatrólogo. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ A obra citada é *Os Muckers - Episódio histórico extraído da vida contemporânea nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul*. Selbach & Mayer. 406 páginas, s/d. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ A autora publicou *A revolta dos Mucker: Rio Grande do Sul, 1868-1898*. São Leopoldo : Unisinos, 2002. Na sua primeira edição a obra tinha o título *Conflito social no Brasil: a revolta dos "Mucker"*. São Paulo : Símbolo, 1978. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶ *Estátua de Genuíno Sampaio*: Erguida por colonos, próximo à residência de Jacobina. Em 1874, nesse local, batalhas foram travadas entre os soldados do Coronel Genuíno Sampaio e o grupo de Jacobina. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ *Cruz de Jacobina*: Foi colocada na subida do Morro Ferrabraz, no início do século XX, após a visita de um dos remanescentes do confronto entre o grupo de Jacobina e seus perseguidores. Acredita-se que Jacobina foi assassinada neste local. (Nota da *IHU On-Line*)

Amaral Ribeiro, em Sapiranga) se relacionam com o imaginário social sapiranguense?

Daniel Gevehr - Os lugares de memória dos Mucker estão diretamente associados aos interesses de se lembrar/esquecer dos fatos que marcaram a história do conflito. No caso da comunidade sapiranguense, observamos que essa procurou eleger determinados lugares para “manter vivo” o tempo dos Mucker. Tanto os monumentos quanto a nomeação de lugares da cidade ou até mesmo de instituições que se associam a esse passado Mucker podem ser entendidos como uma necessidade que essa comunidade teve (e ainda tem) de ressignificar os Mucker de acordo com os interesses de cada época e contexto.

IHU On-Line - Sua tese se dividiu em três momentos: de 1903 a 1932, época em que não se falava de Jacobina e dos Mucker; num segundo momento, a partir dessa data, ocorreu o resgate da identidade sapiranguense ligada aos Mucker. E, no terceiro momento, a partir dos anos 1960, eles passam a deixar de ser um tabu para a comunidade. Como o senhor avalia esses três momentos? Qual é o sentimento dos moradores de Sapiranga em relação à Jacobina e a seus familiares, em cada momento?

Daniel Gevehr - Podemos entender esses diferentes momentos como resultado de interesses coletivos e também de aspirações políticas e de diferentes grupos sociais que contribuíram e manipularam os imaginários sociais sobre os Mucker. Se, num primeiro momento, o Coronel Genuíno Sampaio⁸ é apresentado como o herói, Jacobina é apresentada como a figura do anti-herói, o que nos leva a acreditar na intenção de se construir uma imagem negativa e fanatizada dos Mucker, enquanto

⁸ *Coronel Genuíno Sampaio*: Liderou o exército de combatentes aos Mucker, grupo de imigrantes alemães envolvidos em um movimento idealizado por Jacobina. Deficiente, o comando de Genuíno Sampaio foi derrotado 39 vezes. (Nota da *IHU On-Line*)

enaltece a atuação militar nesse contexto. Além disso, o tema Mucker era algo que se procurava não comentar muito entre os moradores de Sapiranga até meados do século XX, uma vez que sua história ainda provocava sentimentos controversos entre familiares e vizinhos. Porém, a partir das décadas de 1950 e 1960, os Mucker se tornaram um tema que despertava a atenção dos sapiranguenses, o que se observa principalmente através da publicação de diversos artigos sobre o tema na imprensa de Sapiranga, onde o jornal *O Ferrabraz* imperava, influenciando idéias contrárias aos Mucker. Foi somente na última década do século XX que a comunidade procurou discutir abertamente essa questão, tendo em vista a possibilidade de desenvolvimento econômico do município a partir do turismo histórico-cultural. Conseqüentemente, podemos afirmar que essa resignificação em relação aos Mucker se deu muito mais em decorrência de fatores econômicos e políticos do que efetivamente de uma mudança de pensamento da comunidade.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a produção cinematográfica *A paixão de Jacobina*, produzida por Fábio Barreto? De que maneira o filme contribuiu para a produção da sua tese?

Daniel Gevehr - Considero que a obra cinematográfica contribuiu de forma decisiva para a difusão da história do

conflito no cenário nacional. Reconheço ainda que a cinematografia não tem compromisso com a veracidade dos fatos históricos e não se pretende como uma difusora da história do conflito Mucker. No entanto, percebo que a imagem construída para a personagem Jacobina contribui, mais uma vez, para a construção de um imaginário que apresenta a líder dos Mucker como alguém cujas características psicológicas não conferem com o papel desempenhado por Jacobina no morro Ferrabraz. O filme evidencia a imagem de uma mulher em transe, alheia aos acontecimentos da colônia e despreocupada com os acontecimentos, o que não confere com as narrativas existentes sobre sua atuação no grupo. Além disso, a quebra com a seqüência de fatos e personagens é outro aspecto que precisa ser analisado. Mesmo que tomemos a cinematografia em suas especificidades, acreditamos que essa, ao apresentar “a história da mulher que falava com Deus”, causa uma sensação de realidade no público. Nesse sentido, acredito que *A paixão de Jacobina* contribuiu para a construção de uma imagem um tanto distorcida da realidade dos próprios colonos do Ferrabraz (que aparecem vestidos com trajes alinhados) e também dos fatos e personagens que estiveram envolvidos com o conflito Mucker.

Perfil Popular

Antoninha Della-Méa Lima

Há 17 anos, Antoninha Della-Méa Lima se dedica ao trabalho com crianças e adolescentes na ONG do Círculo Operário Leopoldense, na Vila Paim, em São Leopoldo. Além disso, ela atua como Promotora Legal Popular, auxiliando mulheres vítimas de violência doméstica. A rotina pode, às vezes, ser cansativa, e afastá-la de momentos de lazer. Mas o impressionante é que ela faz tudo isso aos 61 anos de idade. E o melhor: ainda não pensa em parar. Confira, nesta edição, a entrevista concedida por ela à revista IHU On-Line:

Origens - Descendente de portugueses, por parte de pai, e italianos, por parte de mãe, Antoninha Della-Méa Lima nasceu no interior de Tupaciretã. Ela conta que seu pai era pecuarista e a sua mãe era dona-de-casa. “Tenho dois irmãos, mas, do meu pai, sou filha única. Minha mãe era viúva e já tinha dois filhos. Minha irmã, a Libânia, já é falecida, e Alberi, meu irmão, mora em Cruz Alta.” Com 61 anos, Antoninha é a mais nova dos três irmãos. Na infância, o contato com eles foi restrito, por causa da diferença de idade. “Meu irmão está com 78 anos, e minha irmã era dois anos mais velha que ele.”

Infância - Embora trabalhasse muito no campo e na lavoura, Antoninha afirma que sua infância foi boa. “Com nove anos de idade, eu tirava leite das vacas. Mesmo trabalhando, a gente fazia muitas brincadeiras. A gente era muito arteiro, de subir em árvores. Eu brincava com os filhos dos vizinhos. A gente ia na aula juntos, estudava longe de casa, tinha que caminhar um bom pedaço para chegar”, conta. O que mais marcou a vivência de Antoninha no interior foi colher a fruta da árvore e comer. “Hoje, a gente não vê mais isso. Tem muita criança que não sabe que o leite vem da vaca. A gente tinha uma vida muito

saudável, porque tinha muita fartura de alimentos naturais, nada era industrializado. Além disso, não tinha a violência que tem hoje, dava até para dormir com a porta aberta.”

Estudos - “Comecei a trabalhar com nove anos em casa, para ajudar os meus pais. Como era interior, a professora vinha de um município, ficava hospedada na casa de um morador e dava aula em uma escolinha municipal do interior. Eu tinha sete para oito anos, quando eu comecei na escola para me alfabetizar.” O período de escola foi marcante para Antoninha que sempre gostou de estudar, principalmente matemática. Ela estudou até o Magistério, o que hoje é chamado de 2º Grau. Não chegou a fazer faculdade, primeiro porque não havia universidade onde morava, depois porque casou e vieram os filhos. “O estudo é fundamental na vida de qualquer pessoa. Se fizesse faculdade, seria na área do Direito, porque sou apaixonada por Direito. Acho que a Lei, sendo bem interpretada, é tudo. E o nosso país tem carência de bons advogados, principalmente na área da mulher e na área da criança”, revela.

Casamento - Aos 22 anos, Antoninha casou-se. Ela conta que não era um sonho, mas a união já dura 40 anos. “Não sou da idéia de que é necessário casar. Acho que se é para casar hoje e separar amanhã é melhor não casar. Eu acho que ambos têm que avaliar se é aquilo que querem. Comigo, foi o que eu quis e deu certo. Se não desse, teria separado, tranqüilamente.” O segredo para ter felicidade na vida a dois é o respeito. “No momento que perder o respeito, tem mesmo que se separar, de preferência, enquanto há alguma amizade”, avalia.

Filhos - Antoninha tem três filhos: Leandro, de 30 anos; Sandro, de 33; e Alex, de 38. Orgulhosa, ela fala da independência deles. “O meu filho mais novo não quis fazer faculdade, mas tem negócio próprio, em São Leopoldo. O mais velho é psicólogo e vereador em Cruz Alta. O do meio trabalha na Prefeitura de São Leopoldo e faz Publicidade e Propaganda na Ulbra, em Canoas. Eles representam tudo para mim, e todos os dias eu agradeço a Deus por eles”.

Mudança para São Leopoldo - Antoninha morou no interior de Tupaciretã até os 15 anos. “Depois, fui para Cruz Alta, para terminar os estudos. Meus pais moravam em Cruz Alta, mas meu pai continuava tendo terras em Tupaciretã. Ficava lá e cá, como se diz.” Há 33 anos, Antoninha mora em São Leopoldo, na Vila Campina. Ela explica que a mudança teve origem com o seu marido. “Ele sempre trabalhou em oficina mecânica. Logo depois que a gente casou, moramos em Erechim. Como lá o serviço estava complicado, ele optou por ir morar em Novo Hamburgo, porque a sua mãe morava na cidade. Morei seis anos lá, em casa alugada, porque nosso poder aquisitivo não dava para comprar terreno. Aí, optamos por São Leopoldo, que era mais barato.”

Trabalho - Antoninha conta que já trabalhou em vários lugares, como em biblioteca e na diocese de Novo Hamburgo, na coordenação de catequese. Há 17 anos, ela se dedica ao trabalho com crianças e adolescentes, em em turno inverso ao das aulas, na ONG do Círculo Operário Leopoldense, na Vila Paim, em São Leopoldo. A decisão tem influência com o período em que coordenou a catequese. “Por isso, tenho facilidade em lidar com esse público. Na época pensei: vou aceitar o desafio e ver quantos dias eu fico. E estou lá até hoje.” Antoninha explica que o trabalho da ONG é constituído por projetos, além de muita dedicação. “Eu trabalho violência e sexualidade com os adolescentes, às terças-feiras. Debates temas como a violência do bairro e fazemos trabalho artesanal, também. Nas quintas-feiras, atendo à comunidade, como Promotora Legal Popular, principalmente mulheres vítimas de violência doméstica. Nesse ano, em função de estar aposentada, eu diminuí 4 horas da carga de 24 para poder fazer outras coisas”, destaca. Ao longo dos anos dedicados à ONG, muitos adolescentes passaram por Antoninha, e a amizade é o que mais marcou. “Gosto muito daquela gurizada. Tenho uma relação de amizade muito grande com eles e eles comigo. Alguns que passaram pela ONG já são pais e mães. Outros não se deram bem na vida, estão presos ou mortos”.

Ensino - Para Antoninha, a qualidade do ensino decaiu muito e ela não vê perspectivas de mudança. “As faculdades só pensam em dinheiro. E, quando o universitário sai, o campo dele é muito limitado. Na escola pública, pela qual a gente briga, os professores são mal remunerados e não têm condições de trabalho. Agora, veio mais essa outra bomba de unir quase 50 alunos em uma sala de aula. Uma secretária de educação dizer que isso é qualidade de

ensino é vergonhoso, para a gente que trabalha nessa área”, avalia.

Promotora Legal Popular - Esta é outra atividade de Antoninha na Vila Paim. Ela conta que o principal no trabalho é poder escutar aquelas mulheres que chegam fragilizadas por causa da violência doméstica. “Elas não têm coragem de sair do relacionamento, muitas vezes, por motivos financeiros ou por causa dos filhos. E a gente tenta fortificá-las”, explica. Segundo ela, São Leopoldo é um município muito carente para atender a essas pessoas. “Se a mulher é agredida, ela não tem para onde ir. Agora, com a Lei Maria da Penha, as coisas estão melhorando, mas ainda tem muito a ser feito. Em primeiro lugar, os juristas precisam ter conhecimento da Lei e querer aplicá-la. As próprias pessoas que estão na Delegacia, além de conhecer a Lei, têm que respeitar as mulheres. Do contrário, elas são vítimas duas vezes: quando chegam em casa e quando vão prestar uma ocorrência. Gosto muito do meu trabalho, e ainda não pensei em parar, mesmo estando aposentada”, avalia.

Momentos marcantes - Ter tido os filhos, que estão bem encaminhados na vida, é o que já aconteceu de mais feliz na vida de Antoninha. “Acho que isso deixa todo o pai e toda a mãe feliz”, completa. Como momento triste, ela relembra o período da Ditadura Militar, “que a gente não podia falar o que sentia. Foi um momento negro da nossa história”. No entanto, Antoninha sente que as tristezas não acabaram junto com a Ditadura. “Quando a gente ouve uma mãe dizer que há uma semana não tem comida em casa para dar para um filho, é muito triste, vivendo em um país como o nosso, que é rico, mas a renda é mal distribuída”, salienta.

Netos - Antoninha tem quatro netos: Priscila, de 17 anos, que estuda na Unisinos; Ernesto, irmão dela, de 8; Carolina, de 14, que está terminando a 8ª série, e Maiara, que estuda na Unisinos e quer fazer odontologia na UFRGS, e “é a neta “emprestada”, “porque quando o meu filho casou, sua esposa já tinha uma filha”, explica. Vó coruja, Antoninha afirma: “Quero muito bem todos os meus netos. E sou mais apegada com a Carolina, porque meu filho morava conosco e ela se criou na minha casa. Ela é a que mais me explora, está sempre me pedindo alguma coisa”, brinca.

Lazer - Passear é a preferência de Antoninha, nos momentos de folga. “Vou a Imbé, no litoral gaúcho, onde temos casa. Às vezes, vou para a serra ou para Cruz Alta, onde mora meu filho. Agora, no feriado, vamos para Nova Palma, no interior do Estado, porque vai ter uma festa da família, realizada de dois em dois anos”. Além de passear, Antoninha comenta que gosta de fazer as limpezas em casa, “que sempre tem”, argumenta.

Sonho - “Ver as minhas netas formadas.” Antoninha destaca que não tem sonhos materiais, porque graças a Deus, já conquistou o que queria. “Tenho casa própria e carro, embora não dirija por medo.” Em relação ao país, ela afirma que tem o grande sonho de vê-lo melhor, com menos injustiça e menos desigualdade. “E que os homens tratem melhor a natureza”, ressalta.

Fé - Antoninha já teve um envolvimento muito forte com a Igreja, o que hoje não acontece mais. “Acho que todo o ser humano tem que crer em um ser superior, mas, para isso, não é preciso estar dentro de uma Igreja, nem escutando um pastor”.

Política brasileira - “A confiança nos políticos está abalada, porque no momento que para governar um país tem que fazer acordo com aqueles que, na época da Ditadura, batiam, é duro.” Além de mencionar o reflexo do Golpe na política atual, Antoninha desabafa: “A política tem momentos sujos. É inadmissível o que acontece no Congresso Brasileiro. Deixam de votar coisas importantes para o país

“Estou lendo *Fomos maus alunos* (Gilberto Dimenstein e Rubem Alves. São Paulo: Papirus, 2003). Esse livro traduz muitas das angústias dos educadores formais, às voltas com seus cursos e neles seus programas, currículos, percursos e o que mais dê um caminho ao estudante, partindo do pressuposto que ele precisa desse caminho. E alguns alunos talvez precisem mesmo. É o dilema existente entre o individual e o coletivo, o customizado e o padronizado, a legislação e a autonomia. Os autores se debatem com essa regulação do ensino e como isso poderia tirar a fome, o desejo de aprender. Paixão e curiosidade são duas palavras usadas freqüentemente por ambos, demonstrando que o subjetivo tem um lugar preponderante ao se pensar em aprender. Os autores no final trazem uma referência a Santo Agostinho, que diz que o mundo se divide em duas feiras: a feira de utilidades, que abrange saberes e competências que aprendemos não por causa delas, mas por causa de outras coisas, e só aprendemos o que nos conduz ao prazer e à alegria; e a feira das fruições (fruir é ter prazer em), que, segundo os autores, é quando se experimenta, quando se chega lá. Os saberes da primeira feira seriam os meios, os instrumentos para chegarmos ao lugar da alegria e do prazer. Já os saberes da segunda feira nos dariam razões para viver. E Rubem

andar, para que as pessoas não passem fome, para ficar discutindo se o Renan Calheiros fica ou não fica. Ou deixem lá ou tirem de uma vez e não fiquem com essa ‘frescura’, com o dinheiro dos nossos impostos”. Segundo ela, a saída para um país melhor está no povo, mas, “lamentavelmente, acho que o povo cansou de algumas coisas”. “Esperamos que um dia a coisa mude”, conclui.

Sala de Leitura

Alves afirma que viver e aprender não se separaram, são a mesma coisa.”

Dagmar Rosana Sordi coordena o bacharelado em Administração na Unisinos, onde é professora adjunta das disciplinas de Seminários em Administração e Intercâmbio em Administração da Saúde.

“Estou relendo a obra de Gabriel García Márquez *Um general em seu labirinto* (Rio de Janeiro: Record, 1989), que retrata os últimos tempos de vida de Simon Bolívar. O escritor colombiano, equilibrando história e ficção, se detém na fase menos documentada da vida do General para ir desvelando as camadas que a compuseram: seus sonhos, amores, vitórias, mas também suas desilusões e seu sentimento de frustração e abandono. O livro é fruto de uma extensa pesquisa (cinco anos) que permitiu ao autor encontrar os elementos para uma avaliação do possível estado de espírito do “Libertador das Américas”, no momento que antecede a sua morte (ocorrida em 1830). O general venezuelano Simón José Antonio de la Santíssima Trinidad Bolívar e Palacios, considerado um herói na América espanhola, mas, especialmente na sua Venezuela natal, encontrava-se então, doente, só e amargurado, consumido pela angústia e pelo

esvaziamento do seu poder. Se esta foi a condição pela qual o autor humanizou o personagem, ela também irritou profundamente uma certa historiografia oficial, especialmente venezuelana. Justamente porque estou organizando um seminário com meus alunos, em que iremos estudar o governo de Hugo Chávez e avaliar as apropriações que nele se faz do pensamento de Bolívar, tomei a iniciativa de voltar a esta obra. O país hoje se

chama “República Bolivariana da Venezuela” e estamos curiosos (o grupo de alunos e eu) para refletir sobre quais elementos de um ideário fundado no liberalismo do século XIX pode ser/foi retomado na fundação daquilo que Chávez chama de ‘o socialismo do século XXI’.”

Maria Cristina Bohn Martins é professora dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História na Unisinos.

IHU REPÓRTER

Márcia Vitolo

Ainda na infância, a paulistana Márcia Vitolo se deparou com um grande desafio: a hiperatividade. Inquieta e desatenta, Márcia teve um déficit de atenção que atravessou sua vida escolar. Enquanto sua irmã, dois anos mais velha, era muito disciplinada nos estudos, ela causou frustrações aos pais, devido ao desinteresse e à coleção de notas baixas no boletim. Hoje, aos 47 anos, Márcia conta com orgulho que conseguiu mudar sua postura em relação aos estudos, driblou a hiperatividade e, com isso, obteve grandes conquistas. Graduada em Nutrição, pela PUC-SP, no último ano do curso, ela já sabia o que era ter a sua pesquisa reconhecida em um Congresso Internacional. Em entrevista à revista IHU On-Line, Márcia contou como deixou São Paulo, onde construiu sua carreira, e veio para a Unisinos ser professora do curso de Nutrição, além de passagens de sua vida. Confira, a seguir, a entrevista:

Origens e infância - Minha mãe é de São Roque, interior de São Paulo, município conhecido por produção de vinhos e alcachofra. Meu pai é de Olímpia, próxima a São José do Rio Preto (SP), conhecida pela produção de laranjas. Eu nasci na capital de São Paulo. Quando estava com quase três anos, meus pais se mudaram para o interior do Estado, porque o meu pai trabalhava em cartório, e isso fazia com que ele se mudasse. Minha mãe era professora de Estudos Sociais. Passei minha infância em Paranapuã, que, na época, não tinha nem eletricidade. Aos sete anos, fui para Indaiatuba, a 150

km de São Paulo, onde vivi até os 22 anos. Minha infância foi assim: subir em árvores, jogar bola, brincadeiras de rua.

Irmã - Tenho uma irmã dois anos mais velha do que eu, que estou com 47 anos. Nós éramos muito diferentes, mas não lembro de grandes brigas entre eu e ela. Ao contrário de mim, ela era extremamente calma e ia muito bem na escola. Enquanto eu brincava com bola, ela brincava com boneca. Então, a gente estava sempre muito distante. Eu me lembro que, quando foi chegando

perto da adolescência, nossa distância foi ficando maior. Ela teve uma puberdade muito precoce. Tenho fotos em que eu tinha dois anos de idade a menos e batia na cintura dela. Eu continuei “criança”, e ela virou moça muito cedo.

Estudos - Fui com seis anos para a escola e dava tanto trabalho que os professores quase desistiram, porque eu, realmente, não parava. Na época, eu era considerada como não estudiosa, mas, hoje, eu tenho conhecimento do motivo. A minha idéia é de que eu tive hiperatividade, um déficit de atenção. Uma vez, quando a minha mãe era professora da escola, o diretor a chamou para ir à minha sala. Eu estava pendurada na janela jogando bolinhas de papel nas pessoas que passavam na rua. Quando a minha mãe chegou lá, ela queria morrer. Eu fui uma criança que deu muito trabalho. Sempre precisei estudar muito, e nunca reprovei, mas não fui uma aluna exemplar. Até hoje sou hiperativa, mas consigo me concentrar, estudar e ler muito. Quando eu conto isso, no meu meio universitário, os colegas se espantam, pois não combina com a minha trajetória profissional.

Notas - Lembro das brigas do meu pai comigo, quando eu fiquei maior e entrei para o Ginásio. A minha caderneta tinha notas vermelhas, e eu sempre ficava de exame. Esse era o grande desgosto do meu pai. Ele falava que dava tudo para a gente, que queria muito que nós, eu e a minha irmã, estudássemos e nós não precisávamos trabalhar. A única coisa era o estudo e eu não ia bem, já a minha irmã só tirava nove e 10. Então, ele se sentia muito frustrado.

Mudança - Eu mudei totalmente, a partir do Colegial. Houve uma transformação muito grande na minha postura, na minha condição de estudante, e isso tem a ver com o meu pai. No final do Ginásio, eu tirei uma nota muito baixa e o meu pai estava bravo com isso. Como eu sabia que ia

levar umas broncas, resolvi o seguinte, para sensibilizá-lo: escrevi uma carta e a deixei no seu escritório com a minha caderneta para ele assinar. O meu pai ficou muito bravo. Disse: “É assim que você vai resolver a sua vida, com uma cartinha? Tentando me comprar?”. Eu comecei a passar mal, e o meu pai achou que eu estava fingindo. Quando ele viu que não era mentira, ele parou de brigar e resolveu que não iria mais me cobrar tanto. A partir desse período, eu comecei a me esforçar para ir bem, como reconhecimento da decisão dele. Desenvolvi excelentes valores de vida por meio do meu pai.

Graduação - Com 16 anos, eu decidi que eu queria estudar inglês na Cultura Inglesa. Só que, não tinha na minha cidade, e eu teria que ir para Campinas, que ficava a 25 km da minha cidade. Meu pai disse que eu só iria, se arrumasse alguém para ir comigo. Eu fui atrás das minhas colegas até conseguir uma que aceitou. Ela fez um semestre e desistiu. Eu fiz cinco anos. No meio do inglês, entrei para o cursinho. Então, eu fazia cursinho de manhã, inglês à tarde e colégio à noite. Quando fui prestar vestibular, eu tinha duas possibilidades: Engenharia de Alimentos, na Unicamp; e Nutrição, na PUC, em Campinas. Prestei vestibular nessas duas universidades e entrei no curso de Nutrição. Como era a primeira turma, tivemos muitas dificuldades. Fui representante de classe e lutava muito, principalmente, quando colocaram um outro profissional para coordenar o curso. Me formei em quatro anos e fui muito bem, muito estudiosa.

Início das pesquisas - Tive uma professora que foi um exemplo no terceiro ano de graduação. Ela era nutricionista e trabalhava com pesquisa sobre ratos, na Unifesp¹. Em função dela, um médico pediatra foi à universidade convidar voluntários para trabalhar no seu doutorado. Ele queria fazer uma pesquisa de educação

¹ Unifesp: Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina, fundada há 75 anos. (Nota da IHU On-Line)

alimentar em creches de Rio Claro, que ficava a 100 km de Campinas. Eu nem sabia se os meus pais iam deixar, mas levantei a mão para trabalhar com ele. Fiquei um mês lá, com 15 colegas. Ao término do período, ele falou que precisava que alguns alunos continuassem, e eu e outras cinco colegas falamos que tínhamos interesse. Só que eu tinha que voltar para a faculdade para fazer o estágio obrigatório. Fomos pedir para as coordenadoras para fazer o estágio em Rio Claro, mas elas disseram que não podia, porque teria que ser supervisionado por elas. Nós não voltamos para a universidade e permanecemos com a pesquisa nas creches, em Rio Claro. Ficamos dois meses lá, e quando voltamos, em outubro, foi realizado o Congresso Internacional de Pediatria, em São Paulo, e nossos trabalhos foram aceitos. No meu último ano de faculdade, eu já estava apresentando trabalho em Congresso Internacional, sobre o impacto da educação alimentar nas crianças. Em função dessa grande conquista, as coordenadoras resolveram reconsiderar e aceitar o nosso estágio, realizado fora da universidade.

Pós-graduação - Assim que terminei a faculdade, em 1982, comecei a procurar trabalho nos classificados de jornal. Fui a dois empregos que apareceram. Um deles era para ganhar menos que o cozinheiro chefe, o outro era para vender painéis. Com isso, meu pai me deu a idéia de continuar estudando. Pensei em fazer uma pós-graduação e procurei aquela professora, com quem fiquei um ano trabalhando de voluntária, me preparando para, no ano seguinte, entrar para o mestrado. A pesquisa começou a ser sobre ratos, mas próximo à decisão final, meu orientador precisava de alguém para trabalhar em um estudo sobre leite humano. Então, desenvolvi meu mestrado sobre a composição do leite materno em mulheres desnutridas. No doutorado, segui a linha da composição do leite de mães adolescentes. Também fiz especialização em administração dos serviços de saúde, na Fundação Getúlio Vargas.

Casamento - Casei com 23 anos, e o casamento não estava nos meus planos, que envolviam o mestrado e o doutorado. Fiquei casada por sete anos, e o meu ex-marido até hoje é meu amigo. Quanto à nossa filha, mesmo separados, nós tomávamos decisões juntos. Isso foi muito bom, porque nós nunca deixamos de conversar e ser coerentes com relação a ela.

Filha - A Carla, 23 anos, é o meu grande legado. Somos muito parecidas e pela distância tornamo-nos mais amigas do que mãe e filha. Ela se formou neste ano, em Engenharia Ambiental, pela Universidade Federal do Paraná. No dia seguinte à formatura, ela viajou para a Suécia, onde está fazendo mestrado. Ela é um pedaço de mim, e me faz muita falta. Minha vida profissional de pesquisadora influenciou a Carla a seguir essa carreira. Ela resistiu, e me disse claramente que não queria seguir a carreira acadêmica, porque ela achava muito desgastante. Mas parece que “gen” falou mais alto e, ao final do curso, ela mudou de idéia.

Pais - Meus pais são separados. Hoje, meu pai mora em Piracicaba, interior de São Paulo; e a minha mãe, em Embu das Artes, a 30 km de São Paulo. Lembro que meu pai foi me buscar na faculdade e me disse que a situação estava muito complicada entre ele e a minha mãe. Depois que eu me casei, eles se separaram. Eu e a minha irmã aceitamos bem, porque era melhor eles tentarem viver de outra forma e serem mais felizes.

Carreira - Em 1985, surgiu a oportunidade de eu dar aulas em uma faculdade particular de nutrição. Minha história toda foi construída na Unifesp, no departamento de nutrição e metabolismo. Comecei a dar aulas bem cedo, com 25 anos. Um dia, fui expulsa da sala dos professores pelo secretário geral da faculdade, porque ele falou que ali não era sala de aluno. Em 1988, fiz o concurso na PUC-SP, passei e comecei a dar aulas. Então, eu trabalhava como

nutricionista e pesquisadora na Unifesp. Em 2000, recebi uma proposta para ser professora visitante na Universidade de Brasília, e eu queria viver a experiência de trabalhar em uma outra universidade. Fui com a minha filha para Brasília, onde fiquei um ano e meio. Quando eu ia voltar para São Paulo, a professora que estava aqui na Unisinos, que veio no meu lugar, porque havia a necessidade de professores doutores para o curso, avisou à Maísa Beltrame Pedroso, coordenadora, que estava voltando para São Paulo. A Maísa me fez a proposta de vir e eu achei que era importante. A minha colega falou que era muito bom trabalhar aqui. No início, eu fiquei com medo, porque seria uma grande mudança, mas deu certo.

Rio Grande do Sul - Não tive grandes dificuldades, ao chegar aqui. Uma das coisas que ainda não me adaptei foi ao clima. Mas, como tem muito gaúcho que fala que também não se adaptou, e vive aqui, eu acho que isso não é problema.

Unisinos - A Maísa, coordenadora do curso, é muito “mãezona”. Ela está sempre muito próxima, dando apoio e fazendo a gente se sentir bem. O grupo de docentes da Unisinos, especificamente da Nutrição, é muito integrado. Já vivi outras experiências de trabalho que eram muito desgastantes. Aqui, na Unisinos, é uma paz, não há intrigas nem disputa. Além disso, a estrutura da universidade é uma das questões que me fez vir trabalhar aqui.

Lazer - Leio muito. Os livros *O Deus das pequenas coisas* (de Arundhati Roy. Companhia das Letras, 1998) e *A filha do restaurador de ossos* (de Amy Tan, Rocco) são muito marcantes para mim. Adoro filmes europeus. Um do qual gostei bastante é o iraniano *Barán* (2001), de Majid Majidi, que tem uma história muito profunda, o que faz algumas pessoas o acharem deprimente. Também gostei bastante de *Cinema Paradiso* (1989) e *O homem*

das estrelas (1995), ambos de Giuseppe Tornatore. Trabalho muito, e não tenho muito hobby. Uma das coisas de que gosto é caminhar.

Política brasileira - A situação da política do Brasil é muito grave, o que às vezes dá vontade de ir embora do país. É muito difícil, para quem tem consciência e discernimento, ler o que está acontecendo e ver que nada é feito. Um grande problema do país é a corrupção. Enquanto ela não acabar, nada vai mudar. Também é preciso mudar a educação básica, estruturalmente, e não dar dinheiro para alunos que vão bem na escola, o que acho uma proposta absurda. O pagamento dos professores deve ser melhorado, para que eles tenham melhor condição de vida e não precisem fazer outros trabalhos para aumentar o salário. Mas não adianta melhorar a educação sem uma saúde adequada, porque as crianças não vão conseguir ir para frente. Eu trabalho com anemia infantil, que atinge cerca de 50% das crianças, prejudicando o desenvolvimento do seu sistema nervoso e sua produtividade.

Instituto Humanitas Unisinos - Tenho pouca vivência com o Instituto, mas sei que tem um trabalho envolvendo bastante o lado humano da Unisinos. É interessante este aspecto de ficar olhando a universidade, pois há vidas aqui dentro, pessoas que não são apenas professores. Leio o material e acho bem legal; é um trabalho muito importante.